

Aldo Schmitz (org.)

Língua portuguesa
Redação oficial
Discursiva
Matemática
Raciocínio lógico
Informática
Direito administrativo
Direito constitucional
Legislação

APOSTILA
PARA
CONCURSOS
PÚBLICOS

Conhecimentos básicos

combook.

© 2025 COMBOOK

Todos os direitos reservados

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, bem a sua comercialização sem autorização ou repasse a outrem, de acordo com o artigo 184 do Código Penal, ou seja, “violar direitos de autor e os que lhe são conexos: pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa”.

Aldo Schmitz

Edição e redação

Língua portuguesa, redação oficial, discursiva,
matemática, raciocínio lógico e informática

Cyntia Brandalize Fendrich

Redação e consultoria

Legislação, direito administrativo e constitucional

ISBN nº 978-65-89462-03-3

combook.
EDITORA DA COMUNICAÇÃO

Rua Prof. João Doetzer, 667-2 – 81540-190 Curitiba, PR

☎ (41) 4042-0442 – contato@iscom.com.br

Combook é uma editora do Instituto Superior de Comunicação (ISCOM)

CNPJ 74.176520/0001-96

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
SIMULADOS COMENTADOS ON-LINE.....	15
LÍNGUA PORTUGUESA.....	16
NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA.....	17
Fonético-fonológico.....	18
Morfológico.....	18
Sintático.....	18
Semântico.....	19
Pragmático.....	19
FONÉTICA E FONOLOGIA.....	20
Hiato.....	21
Ditongo.....	22
Tritongo.....	23
MORFOLOGIA.....	23
Artigo.....	24
Adjetivo.....	25
Advérbio.....	25
Conjunção.....	26
Interjeição!.....	28
Numeral.....	28
Preposição.....	29
Pronomes.....	30
Substantivo.....	31
Verbo.....	31
Palavras denotativas.....	33
SINTAXE.....	34
Elipse.....	34
Zeugma.....	35
Pleonasmo.....	36
Outras figuras de sintaxe.....	37
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL.....	37
Concordância verbal.....	38
Concordância nominal.....	39
REGÊNCIA VERBAL A NOMINAL.....	40
Regência verbal.....	40
Regência nominal.....	42
COLOCAÇÃO PRONOMINAL.....	43

Próclise.....	43
Mesóclise.....	44
Ênclise.....	45
Casos facultativos.....	46
ORTOGRAFIA.....	47
Acordo Ortográfico.....	48
Hífen.....	49
Acentuação gráfica.....	50
Crase.....	53
Pontuação.....	56
SEMÂNTICA.....	57
Sinonímia.....	57
Antonímia.....	58
Homonímia.....	58
Paronímia.....	59
Polissemia.....	59
Hiperonímia.....	60
Meronímia.....	60
Acronímia.....	60
Estrangeirismo.....	61
Outras formas semânticas.....	61
FIGURAS DE LINGUAGEM.....	61
Funções da linguagem.....	62
Conotação e denotação.....	62
Vícios de linguagem.....	63
TIPOLOGIA TEXTUAL.....	64
Narração.....	64
Dissertação.....	65
Descrição.....	66
INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS.....	67
O que é leitura?.....	69
Textos verbais e visuais.....	70
Texto e discurso: intertexto e interdiscurso.....	71
Gêneros textuais.....	72
Observação, análise e identificação.....	73
A comparação.....	74
A memorização.....	75
Inferência, dedução e conclusão.....	76
Hipóteses.....	77
A contextualização.....	78
Gêneros textuais.....	79

Glossário.....	81
Simulado comentado on-line.....	84
DISCURSIVA.....	85
REDAÇÃO.....	86
Aspectos formais.....	87
Aspectos textuais.....	87
Aspectos temáticos e técnicos.....	95
REDAÇÃO DISCURSIVA.....	97
Modelos de redação dissertativa-argumentativa.....	98
Modelos de redação dissertativa-expositiva.....	100
QUESTÕES DISCURSIVAS.....	102
ESTUDO DE CASO.....	105
Modelos de estudo de caso.....	106
PARECER TÉCNICO.....	110
Modelo de parecer técnico.....	111
PEÇA PROCESSUAL.....	113
Modelo de peça processual.....	113
REDAÇÃO OFICIAL.....	117
Legislação.....	119
Comunicações oficiais.....	120
Documentos oficiais normativos.....	130
Glossário.....	135
Simulado comentado on-line.....	139
MATEMÁTICA.....	140
ARITMÉTICA.....	141
Sistema de numeração.....	142
Operações fundamentais.....	142
Múltiplos e divisores.....	143
Números primos.....	143
Máximo Divisor Comum (MDC).....	143
Mínimo Múltiplo Comum (MMC).....	144
Potenciação.....	144
Radiciação.....	144
Frações.....	145
Números decimais.....	146
Razão e proporção.....	147
Porcentagem.....	147
Medidas centrais.....	148
ÁLGEBRA.....	149

Conjuntos.....	149
Expressões algébricas.....	151
Equações.....	152
Funções.....	153
Progressões.....	155
GEOMETRIA.....	156
Elementos básicos.....	156
Ângulo.....	157
Teorema de Tales.....	157
Polígonos.....	157
Circunferência e círculo.....	159
Áreas e perímetros.....	160
Teorema de Pitágoras.....	160
Geometria espacial.....	161
Geometria Analítica.....	163
TRIGONOMETRIA.....	164
Razões trigonométricas.....	165
Círculo trigonométrico.....	166
Identidades trigonométricas.....	166
Lei dos senos e dos cossenos.....	167
ESTATÍSTICA E PROBABILIDADE.....	167
Estatística descritiva.....	167
Medidas de dispersão.....	170
Probabilidade.....	171
MATEMÁTICA FINANCEIRA.....	172
Proporções.....	172
Juros simples.....	173
Juros compostos.....	174
Descontos.....	174
Séries de pagamentos.....	174
Sistemas de amortização.....	175
Análise de investimentos.....	175
Depreciação.....	176
Índices de inflação.....	176
ANÁLISE COMBINATÓRIA.....	177
Princípio da contagem.....	177
Permutação.....	178
Arranjo.....	178
Combinação.....	178
Binômio de Newton.....	178
Glossário.....	179

Simulado comentado on-line.....	182
RACIOCÍNIO LÓGICO.....	183
LÓGICA PROPOSICIONAL OU SENTENCIAL.....	184
Proposição lógica.....	185
Proposição aberta.....	185
Princípios fundamentais da lógica.....	186
Classificação das proposições lógicas.....	186
Conectivos lógicos.....	187
Operadores lógicos.....	187
Conjunção.....	189
Condicional.....	190
Tabela-verdade.....	191
NEGAÇÃO DE UMA PROPOSIÇÃO COMPOSTA.....	193
Negações de proposições.....	193
Relações lógicas.....	196
Implicação lógica.....	196
EQUIVALÊNCIA LÓGICA.....	197
Equivalência da condicional.....	197
Equivalência da bicondicional.....	197
Equivalência da disjunção exclusiva.....	198
Equivalência da disjunção inclusiva.....	198
Quadro comparativo das equivalências.....	199
QUANTIFICADORES.....	199
Tipos de quantificadores.....	199
Sentença aberta.....	200
Negação dos quantificadores.....	200
ARGUMENTAÇÃO LÓGICA.....	201
Estrutura de um argumento lógico.....	202
Validade e verdade de um argumento.....	202
Formas de avaliar um argumento lógico.....	202
Diagramas lógicos.....	203
Silogismo.....	204
RACIOCÍNIO SEQUENCIAL E ANALÍTICO.....	204
Raciocínio sequencial.....	204
Raciocínio analítico.....	205
Tipos de raciocínio.....	206
Glossário.....	207
Simulado comentado on-line.....	210
INFORMÁTICA.....	211

FUNDAMENTOS DA INFORMÁTICA.....	212
História.....	213
HARDWARE.....	214
Computador e dispositivos.....	214
Funcionamento.....	215
Componentes internos.....	216
Microprocessador.....	216
Dispositivos de entrada e saída.....	217
SOFTWARE.....	218
Programas.....	218
Sistema operacional.....	219
Aplicativos.....	221
Suítes (pacotes).....	222
Videoconferência.....	235
Serviços de e-mail.....	236
Mensagens instantâneas.....	238
Armazenamento em nuvem.....	239
Utilitários.....	241
TECNOLOGIAS INTELIGENTES.....	242
Realidade virtual.....	242
Convergência digital.....	243
Algoritmos.....	243
Inteligência artificial.....	243
Internet das coisas.....	244
INTERNET.....	244
História.....	245
Conexão.....	246
Serviços.....	247
Navegadores.....	248
Sites e blogs.....	250
Redes sociais.....	252
Governo eletrônico.....	254
REDE DE COMPUTADORES.....	256
Computadores em rede.....	256
Arquitetura de rede.....	257
SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO.....	259
Ameaças e fraudes.....	260
Agentes de segurança.....	261
Backup.....	262
Assinatura digital.....	263
Certificação digital.....	264

Glossário.....	265
Simulado comentado on-line.....	269
DIREITO CONSTITUCIONAL.....	270
NOÇÕES GERAIS.....	271
Conceitos básicos.....	272
Direitos humanos.....	273
Teorias.....	275
Aplicabilidade das normas constitucionais.....	276
História das constituições.....	277
Classificação da Constituição de 1988.....	278
Componentes da constituição.....	279
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS.....	280
Princípio da tripartição dos poderes.....	281
Princípio federativo.....	282
Princípio republicano.....	283
DIREITOS FUNDAMENTAIS.....	288
Regras gerais.....	288
Direitos e deveres individuais e coletivos.....	290
Direitos sociais e nacionalidade.....	295
Direitos políticos.....	297
ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA.....	300
Entes federativos.....	300
Intervenção.....	305
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.....	306
Princípios expressos.....	306
Servidores públicos.....	307
ORGANIZAÇÃO DOS PODERES.....	310
Poder Legislativo.....	310
Poder Executivo.....	312
Poder Judiciário.....	314
Funções essenciais à Justiça.....	322
DEFESA DO ESTADO E DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS.....	327
Sistema constitucional de crises.....	327
Forças Armadas.....	328
Segurança nacional.....	329
TRIBUTAÇÃO E ORÇAMENTO.....	329
Reforma tributária.....	330
Sistema Tributário Nacional.....	331
Finanças públicas.....	332
ORDEM ECONÔMICA E FINANCEIRA.....	333

ORDEM SOCIAL.....	334
Seguridade social.....	334
Educação, cultura e desporto.....	336
Ciência, tecnologia e inovação.....	337
Comunicação social.....	338
Meio ambiente.....	339
Família, criança, adolescente, jovem e da pessoa idosa.....	339
Indígenas.....	340
DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS GERAIS.....	341
CONSTITUIÇÕES ESTADUAIS.....	341
História.....	342
Difusão constitucional.....	343
Estados federados.....	345
Conteúdo e estrutura das constituições estaduais.....	345
LEIS ORGÂNICAS.....	348
Municípios.....	348
Estruturas das leis orgânicas.....	349
Glossário.....	350
Simulado comentado on-line.....	356
DIREITO ADMINISTRATIVO.....	357
NOÇÕES GERAIS.....	358
Teorias.....	359
Governo e administração pública.....	359
Regimes jurídicos.....	360
Administração direta e indireta.....	361
Fontes do direito administrativo.....	362
Princípios da administração pública.....	362
SERVIDORES PÚBLICOS.....	364
Agentes políticos.....	364
Servidores públicos estatutários.....	365
Empregados, delegados e temporários.....	365
Cargos públicos.....	366
Ingresso no serviço público.....	367
Direitos trabalhistas.....	368
Remuneração e subsídios.....	369
Capacitação e modernização.....	371
Responsabilidades.....	371
Estatuto do servidor público civil.....	372
Direitos e vantagens.....	375
Seguridade social.....	379
Ética profissional.....	380

Regime disciplinar.....	382
ATOS ADMINISTRATIVOS.....	384
Classificação.....	385
Vinculação e discricionariedade.....	386
Atributos.....	386
Elementos ou requisitos.....	387
Vícios.....	388
Extinção.....	389
PODERES ADMINISTRATIVOS.....	390
Ciclo do poder de polícia.....	390
Uso e abuso de poder.....	391
IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA.....	391
Modalidades de improbidade.....	392
Responsabilização.....	393
Penas aplicáveis.....	394
PROCESSO ADMINISTRATIVO.....	395
Direitos e deveres dos administrados.....	395
Início do processo.....	396
Competência.....	396
Elaboração do processo.....	397
Motivação.....	398
Recurso administrativo.....	398
LICITAÇÕES E CONTRATOS.....	399
Licitações.....	400
Contratos administrativos.....	402
SERVIÇOS PÚBLICOS.....	405
Classificação.....	406
Princípios.....	407
Concessão e permissão.....	408
Parceria público-privada.....	409
Regulação.....	410
BENS PÚBLICOS.....	411
Classificação.....	411
Regime jurídico.....	412
Uso por particulares.....	413
Glossário.....	413
Simulado comentado on-line.....	420
LEGISLAÇÃO.....	421
LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO.....	422
Informação e divulgação.....	423

Procedimentos.....	423
Restrições.....	424
Responsabilidades e monitoramento.....	425
LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS.....	425
Tratamento dos dados.....	426
Direitos do titular.....	427
Tratamento pelo Estado.....	427
Agentes.....	428
Segurança e das boas práticas.....	428
Fiscalização.....	429
Sentinela.....	429
LEI MARIA DA PENHA.....	430
Violência doméstica e familiar.....	431
Procedimentos.....	432
Assistência jurídica e social.....	432
ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA.....	433
Igualdade e não discriminação.....	434
Direitos fundamentais.....	435
Direito ao trabalho.....	436
Mobilidade e acessibilidade.....	436
Acesso à Justiça.....	437
Medidas e atualizações legais.....	438
ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL.....	439
Direitos fundamentais.....	439
Direito à educação.....	440
Consciência e crença.....	441
Terra, moradia e trabalho.....	441
Igualdade racial.....	442
ESTATUTO DA PESSOA IDOSA.....	443
Direitos fundamentais.....	443
Medidas de proteção.....	444
Atendimento.....	445
Acesso à Justiça.....	445
ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....	446
Direitos fundamentais.....	447
Convivência familiar.....	447
Prevenção.....	448
Medidas de proteção.....	449
Conselho Tutelar.....	451
Acesso à Justiça.....	452
CONCURSOS PÚBLICOS.....	453

Realização.....	454
Cotas.....	455
Posse, validade e provimento.....	456
Glossário.....	456
Simulado comentado on-line.....	462
REFERÊNCIAS.....	463

INTRODUÇÃO

Esta apostila contém conteúdos de conhecimentos básicos para concursos públicos.

São noções de língua portuguesa, redação oficial, discursiva, matemática, raciocínio lógico, informática, legislação, direito administrativo e constitucional.

Priorizou-se um texto resumido, claro e direto, geralmente organizado em tópicos com marcadores para facilitar a memorização.

Esta publicação é uma apostila, ou seja, um “resumo de aulas ou palestras publicadas para uso de alunos e que traz o conteúdo teórico do que deve ser estudado para um exame”, conforme a definição do dicionário Michaelis (2023).

Portanto, apesar de ser abrangente, não aborda com profundidade todos os temas.

Por isso, recomendam-se leituras e estudos complementares.

Meu propósito é ajudar na sua aprovação.

Aldo Schmitz

SIMULADOS COMENTADOS ON-LINE

Ao final de cada capítulo (exceto *Discursiva*) consta o *link* para acessar o simulado on-line com questões comentadas.

O acesso deve ser feito por computador (*PC, notebook*) ou *tablet*, pois este recurso não roda em alguns *smartphones* (em tela cheia).

Para conseguir uma pontuação é preciso responder todas as questões.

Ao final, o sistema mostra:

- O tempo que você levou para responder;
- A quantidade de respostas incorretas;
- O número de questões certas, inclusive em gráfico tipo pizza.

Ao clicar em Ver Resultados, você pode selecionar:

- Minhas tentativas: mostra um gráfico de linha sobre o seu desempenho;
- Tentativas globais: aparece um gráfico de barras, comparativo do seu desempenho com os demais respondentes.

Língua portuguesa

Praticamente todos os editais e cargos de concursos públicos no Brasil incluem provas de língua portuguesa.

Perguntas de gramática e ortografia são recorrentes.

No entanto, a maioria das questões trata da compreensão e interpretação de textos.

Portanto, o candidato que souber ler e interpretar diferentes tipos de textos, identificar ideias principais, inferir significados e relacionar informações terá uma enorme vantagem competitiva.

Além disso, o estudo da língua portuguesa também auxilia na preparação para outras disciplinas dos concursos.

O aprimoramento das competências linguísticas facilita a compreensão de enunciados complexos e a formulação de respostas claras e precisas também em outras áreas do conhecimento.

Para desenvolver o conteúdo deste capítulo, apoia-se nos seguintes autores: Adriana Figueiredo (2024), Plínio Martins Filho (2023), Evanildo Bechara (2019), Celso Cunha e Lindley Cintra (2019), Ernani Terra (2018) e José Fiorin e Francisco Savioli (2017).

NÍVEIS DE ANÁLISE DA LÍNGUA

A análise da língua permite entender a estrutura e o funcionamento da comunicação verbal.

A língua pode ser examinada em diferentes níveis, cada um com enfoque em aspectos específicos que contribuem para a compreensão do idioma.

Esses níveis incluem a produção e articulação dos sons (fonético-fonológico), a estrutura e classificação das palavras (morfológico), as funções das palavras nas sentenças (sintático) e as relações de sentido (semântico).

Fonético-fonológico

O nível fonético-fonológico estuda a produção, articulação e percepção dos sons da língua.

A fonética concentra-se nos aspectos físicos dos sons, como a maneira como são produzidos e ouvidos.

Enquanto a fonologia examina como esses sons se organizam e funcionam dentro do sistema linguístico de uma língua específica.

Morfológico

O nível morfológico analisa a estrutura e a classificação das palavras.

A morfologia investiga os morfemas, as menores unidades de significado, e como eles se combinam para formar palavras, abrangendo aspectos como flexão, derivação e composição.

O café é uma fruta:

- Estrutura: *o* (artigo definido), *café* (substantivo), *é* (verbo *ser*), *uma* (artigo indefinido), *fruta* (substantivo);
- Classe gramatical: *o* (artigo), *café* (substantivo), *é* (verbo), *uma* (artigo) e *fruta* (substantivo).

Sintático

O nível sintático refere-se à organização das palavras em frases e orações, identificando as funções que cada palavra desempenha dentro da estrutura da sentença.

A sintaxe é fundamental para a formação de enunciados coerentes e gramaticalmente corretos.

O café é uma fruta:

- Análise sintática: *o café* (sujeito simples), *é* (verbo de ligação), *uma fruta* (predicativo do sujeito);
- Função das palavras na frase: *o* (artigo definido), *é* (verbo que une o sujeito ao predicativo), *uma* (artigo indefinido que acompanha o

substantivo) e *fruta* (substantivo que funciona como o núcleo do predicativo do sujeito);

- Estrutura da frase: *o café* (sujeito), *café* (núcleo do sujeito), *é* (verbo de ligação) e *uma fruta* (adjunto adnominal).

Semântico

O nível semântico analisa os significados das palavras, frases e textos.

A semântica investiga como os significados são construídos e interpretados, considerando tanto o sentido literal quanto o figurado.

O café é uma fruta:

- Significado literal: *o café* (o grão, a semente do fruto do cafeeiro) *é uma fruta* (classifica o café como um tipo de fruto);
- Sentido figurado: remete à origem natural do café, reforçando sua conexão com a natureza;
- Interpretação: a frase afirma que *o café*, do ponto de vista botânico, *é uma fruta*, isso pode surpreender algumas pessoas, pois o café é comumente associado à bebida feita a partir de seu grão, mas, tecnicamente, o grão de café é semente de um fruto;
- Conotação: *café* (evoca associações com a bebida, cultura do café, hábitos diários de consumo) e *fruta* (sugere algo natural, saudável, parte da dieta).

Compreender o nível semântico e a interpretação correta dos textos garante que a mensagem seja compreendida conforme a intenção do emissor.

Pragmático

O nível pragmático examina o uso da linguagem em contextos específicos e como os falantes utilizam a linguagem para alcançar objetivos comunicativos.

A pragmática considera a intenção de quem fala, a interpretação do ouvinte e o contexto em que a comunicação ocorre.

O café é uma fruta:

- Contexto: a frase pode ser dita em uma aula de botânica, em uma discussão sobre alimentos ou em um contexto onde se discute a classificação de alimentos;
- Interlocutores: professor e alunos ou especialistas em alimentação e leigos, por exemplo;
- Intenção do falante: esclarecer que, do ponto de vista botânico, o café é classificado como uma fruta;
- Interpretação do ouvinte: entende e aceita a informação como um fato botânico ou fica confuso, pois não considera o café uma fruta ou ainda fica intrigado e questiona: *Afinal, o café é um grão, uma semente, uma fruta ou uma bebida?*

Compreender o nível pragmático permite interpretar corretamente as intenções dos falantes e responder de forma adequada, garantindo uma comunicação eficaz e contextualizada.

FONÉTICA E FONOLOGIA

A fonética e a fonologia são duas áreas no estudo da língua, cada uma com seu enfoque específico, mas que se complementam para proporcionar uma compreensão dos sons da fala.

A fonética se dedica ao estudo dos sons da fala em seu aspecto mais concreto.

Ela analisa como os sons são produzidos fisiologicamente pelos órgãos da fala, como a boca, a língua e as cordas vocais, bem como suas características acústicas.

Portanto, a fonética lida com os sons reais que emitimos, investigando como são articulados, propagados no ar e percebidos pelo ouvido humano.

Por outro lado, a fonologia trata de uma análise mais abstrata e estrutural desses sons, focando-se nos fonemas, que são as unidades mínimas e distintivas de som em uma língua.

Diferente das letras, que são símbolos gráficos, os fonemas representam sons que, quando alterados, podem mudar o significado de uma palavra.

A fonologia examina as oposições entre fonemas e como essas distinções são utilizadas para formar palavras e frases dentro do sistema linguístico.

Embora a fonética e a fonologia tenham enfoques distintos, elas não se opõem, pelo contrário, elas se complementam.

Enquanto a fonética lida com a natureza física e perceptível dos sons, a fonologia trabalha com o sistema abstrato de regras e padrões que governa o uso desses sons na comunicação humana.

Juntas, elas oferecem uma compreensão integral dos sons da língua, desde sua produção até seu papel na criação de significados.

Um dos principais desafios na fonética é entender os mecanismos de produção dos sons da fala.

A distinção entre sons que parecem semelhantes pode ser complexa.

Na fonologia, as dificuldades frequentemente surgem ao lidar com conceitos abstratos, como a diferenciação entre fonema e som.

Compreender como os fonemas se organizam para criar significado dentro de um sistema linguístico pode ser confuso.

Além disso, a aplicação das regras fonológicas, que incluem processos como assimilação, dissimilação e elisão, pode alterar a pronúncia das palavras em contextos específicos.

Os encontros vocálicos dão origem aos ditongos, tritongos e hiatos.

Hiato

No estudo da fonologia, um dos aspectos é a compreensão dos encontros vocálicos, que são as combinações de vogais dentro das palavras.

Entre esses encontros, destaca-se o hiato, uma situação em que duas vogais aparecem juntas, mas, ao contrário do que ocorre em ditongos e tritongos, elas pertencem a sílabas diferentes.

Isso ocorre porque as vogais mantêm sua individualidade fonética, resultando em uma pronúncia distinta e separada.

Exemplos de hiatos incluem palavras como *saída*, *caatinga* e *moinho*, onde cada vogal é articulada separadamente, com uma interrupção

perceptível na voz ao passar de uma vogal para a outra.

Nos encontros vocálicos, como o hiato, podem ocorrer dois fenômenos importantes:

- Diérese é o fenômeno em que uma semivogal se transforma em vogal, criando assim um hiato onde antes havia um ditongo. Isso pode ser observado em palavras como *traição*, *vaidade* e *cai*, onde a segunda vogal se pronuncia de forma distinta, separando as sílabas;
- Sinérese, por outro lado, ocorre quando duas vogais que formavam um hiato passam a ser pronunciadas como um ditongo crescente, unindo-se em uma mesma sílaba, exemplos desse fenômeno são encontrados em palavras como *suave*, *piadoso* e *luar*.

Isso demonstra a dinâmica e a complexidade dos sons vocálicos na língua portuguesa, evidenciando a importância do hiato na formação de palavras e na sua correta pronúncia.

Ditongo

Os ditongos dizem respeito aos encontros vocálicos dentro das sílabas.

Um ditongo ocorre quando uma vogal e uma semivogal aparecem juntas na mesma sílaba, ou vice-versa, formando uma única unidade sonora.

Tipos de ditongos:

- Crescente: a semivogal aparece antes da vogal (*água*, *cárie*, *mágoa*);
- Decrescente: a vogal aparece antes da semivogal (*pai*, *mãe*, *rei*).

Classificação dos ditongos:

- Oral: o som é emitido exclusivamente pela boca, pode ser (*pai*, *céu*, *ideia*) ou fechado (*meu*, *doido*, *veia*);
- Nasal: o som é emitido pela boca e pelo nariz, sempre fechado, com til sobre a vogal (*mãe*)

A correta identificação e uso dos ditongos contribui para a pronúncia precisa e a compreensão das regras fonológicas da língua portuguesa.

Tritongo

Os tritongos representam um dos encontros vocálicos mais complexos da língua portuguesa.

Um tritongo ocorre quando uma vogal é acompanhada por duas semivogais na mesma sílaba, formando uma unidade sonora tripla.

Esse tipo de encontro vocálico é menos comum que os ditongos, mas ocorre na formação e pronúncia de determinadas palavras.

Classificação dos tritongos de acordo com a forma como são pronunciados:

Orais: pronunciados exclusivamente pela boca, sem a participação das cavidades nasais, onde o som é emitido de maneira contínua e clara pela boca (*paraguaio, enxaguei, iguais*);

Nasais: pronunciados tanto pela boca quanto pelo nariz, o que confere uma ressonância nasal ao som, em que a última semivogal pode não ser representada graficamente (*mínguem, enxáguem*).

A compreensão dos tritongos facilita uma pronúncia correta e a análise fonológica das palavras.

MORFOLOGIA

A morfologia é um ramo da linguística que estuda a forma dos vocábulos, ou seja, como as palavras são estruturadas e formadas.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo.

A maioria dos linguistas concorda que vocábulo e palavra são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra tem significação própria e existência isolada.

Elementos da morfologia:

- Morfemas, as menores unidades de significado que constituem as palavras:
 - Prefixos: adicionados antes do radical (*in* em *injusto*);
 - Sufixos: adicionados depois do radical (*dade* em *felicidade*);

- Radical: parte central que carrega o significado principal da palavra (*govern* em *governante*);
- Desinências: indicam variações de tempo, modo, número e gênero (*s* em *livros*, para indicar plural);
- Vogal temática que se junta ao radical (*a* em *falar*);
- Vogal ou consoante de ligação: elementos que facilitam a pronúncia (*i* em *cafeicultor*).
- Formação de palavras a partir da combinação de formas presas, constituídas de mais de um morfema (*governo: governante, governamental, governabilidade, ingovernável*);
- Classes de palavras: substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, além de palavras denotativa.

Cada classe de palavras desempenha um papel específico na construção de frases e no significado dos enunciados.

Em resumo, a morfologia nos fornece as ferramentas para decifrar a complexidade das palavras e suas variações, promovendo um entendimento mais profundo da linguagem e sua aplicação prática.

Artigo

Artigo é a classe de palavras que acompanha o substantivo.

Ele determina e define o substantivo de maneira precisa.

Os artigos indicam o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural) do substantivo a que se referem.

Tipos de artigos:

- Definidos: especificam um substantivo de forma precisa, indicando algo já conhecido ou particularizado (*o*: masculino singular, *a*: feminino singular, *os*: masculino plural, *as*: feminino plural, por exemplo, *O livro está sobre a mesa, as crianças brincam no parque*);
- Indefinidos: referem-se a um substantivo de forma geral ou imprecisa, indicando algo não particularizado ou desconhecido

(*um*: masculino singular, *uma*: feminino singular, *uns*: masculino plural, *umas*: feminino plural, por exemplo, *Um livro está sobre a mesa, umas crianças brincam no parque*).

Os artigos devem concordar em gênero e número com os substantivos que acompanham, garantindo a correção gramatical da frase.

Adjetivo

Adjetivo é a classe de palavras que caracteriza, qualifica ou atribui propriedades aos substantivos, indicando suas qualidades, estados ou características.

Tipos de adjetivos:

- Qualificativos: atribuem uma qualidade ou característica ao substantivo (*bonito, inteligente, verde: O café verde é utilizado para produzir suplementos*);
- Pátrios: indicam a origem ou nacionalidade do substantivo (*brasileiro, americano, português: O café brasileiro é famoso mundialmente*);
- Relacionais: associam o substantivo a um grupo, classe ou categoria específica (*histórico, social, econômico: O desenvolvimento econômico é crucial para a nação*);
- Numerais: indicam a quantidade exata ou a ordem dos substantivos (*primeiro, segundo, triplo: Ele foi o primeiro aluno a chegar*).

Os adjetivos devem concordar em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o substantivo que acompanham.

Advérbio

Advérbio é a classe de palavras que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, indicando as circunstâncias.

Os advérbios adicionam detalhes importantes à ação, qualificação ou outra modificação, enriquecendo a comunicação.

Tipos de advérbios:

- Modo: indicam a maneira como a ação é realizada (*bem, mal, rapidamente: Ele trabalha cuidadosamente*);
- Função: mostram o momento ou a frequência em que a ação ocorre (*hoje, ontem, sempre, nunca: Ela chegou ontem*);
- Lugar: apontam o local onde a ação ocorre (*aqui, ali, lá, perto: Eles moram perto*);
- Intensidade: indicam a intensidade ou o grau de uma ação, qualidade ou estado (*muito, pouco, bastante, demais: Ela está muito feliz*);
- Negação: refutam a ação expressa pelo verbo (*não, nunca, jamais: Ele não veio*);
- Afirmação: asseguram a ação expressa pelo verbo (*sim, certamente, realmente: Ela certamente virá*);
- Dúvida: revelam incerteza ou dúvida em relação à ação expressa pelo verbo (*talvez, possivelmente, provavelmente: Talvez chova amanhã*).

Os advérbios podem ser usados para modificar verbos, adjetivos ou outros advérbios, oferecendo informações adicionais sobre a circunstância da ação ou qualidade.

Eles são invariáveis, ou seja, não flexionam em gênero e número.

Conjunção

Conjunção é a classe de palavras que conecta orações ou termos semelhantes em uma mesma oração, estabelecendo relações de coordenação ou subordinação entre elas.

As conjunções permitem a construção de frases complexas e garantem a coesão textual.

Tipos de conjunções:

- Coordenativas: ligam orações ou palavras de mesma função gramatical, sem que uma dependa da outra:
 - Aditivas: expressam adição (*e, nem, mas também: Estudei e trabalhei ontem*);

- Adversativas: transmitem oposição (*mas, porém, todavia, contudo: Estudei, mas não consegui tirar boa nota*);
- Alternativas: manifestam alternância (*ou, ora...ora, já...já: Você estuda ou trabalha?*);
- Conclusivas: enunciam conclusão (*logo, portanto, por isso: Estudei bastante, logo serei aprovado*);
- Explicativas: proferem explicação (*pois, porque, porquanto: Estude bastante, porque a prova será difícil*).
- Subordinativas: ligam orações subordinadas à oração principal, estabelecendo uma relação de dependência entre elas:
 - Causais: expressam causa (*porque, visto que, já que: Não fui à escola porque estava doente*);
 - Comparativas: transmitem comparação (*como, assim como, tal qual: Ela é tão inteligente como o irmão*);
 - Concessivas: expressam concessão (*embora, mesmo que, ainda que: Embora estivesse cansado, ele continuou a trabalhar*);
 - Condicionais: indicam condição (*se, caso, desde que: Se estudar, passará na prova*);
 - Conformativas: expressam conformidade (*conforme, segundo, como: Conforme combinado, entregarei o trabalho amanhã*);
 - Consecutivas: demonstram consequência (*tão...que, de forma que: Ele estava tão cansado que dormiu imediatamente*);
 - Finais: revelam finalidade (*para que, a fim de que: Estudou muito para que passasse no concurso*);
 - Proporcionais: expressam proporção (*à medida que, quanto mais...mais: À medida que estudava, mais aprendia*);
 - Temporais: indicam tempo (*quando, enquanto, assim que: Quando ele chegou, a festa já tinha acabado*).

As conjunções são utilizadas para unir orações ou palavras, permitindo a construção de frases complexas e a expressão de relações lógicas entre ideias.

Elas contribuem para a coesão e a coerência do texto.

Interjeição!

Interjeição é a classe de palavras que expressa emoções, sentimentos, reações e estados de espírito de maneira rápida e intensa.

As interjeições são usadas para comunicar de forma imediata, frequentemente acompanhadas de entonação específica, e podem ser isoladas ou aparecer no início, meio ou fim de uma frase.

Tipos de interjeições:

- Alegria (*uau! oba! eba! - Oba, consegui a promoção!*);
- Tristeza (*oh! ai! puxa! - Oh, que pena!*);
- Surpresa (*nossa! caramba! ué! - Nossa, que incrível!*);
- Dor (*ai! ui! nossa! - Ai, machuquei meu pé!*);
- Alívio (*uf! ainda bem! graças a Deus! - Uf, que susto!*);
- Chamado (*ei! olá! - Ei, vem aqui!*);
- Animação (*vamos lá! força! avante! - Vamos lá, time!*);
- Desdém (*bah! hum! pfff! - Bah, não acredito nisso!*).

As interjeições podem ser usadas isoladamente ou em conjunto com outras palavras para intensificar a expressão de emoções e sentimentos.

Elas são invariáveis e não se flexionam em gênero, número ou grau.

Numeral

Numeral é a classe de palavras que expressa quantidades, posições, múltiplos, divisões e frações de maneira precisa.

Os numerais são usados para quantificar, ordenar e especificar a relação numérica entre os elementos em um contexto.

Tipos de numerais:

- Cardinais: expressam quantidade exata (*um, dois, três, dez, cem: Ela tem três irmãos*);
- Ordinais: mostram a posição ou ordem de elementos em uma sequência (*primeiro, segundo, terceiro, décimo: Ele ficou em segundo lugar na competição*);

- Multiplicativos: indicam multiplicação ou aumento proporcional de uma quantidade (*dobro, triplo, quádruplo: Ela ganhou o triplo do valor investido*);
- Fracionários: revelam divisão ou partes de um todo (*meio, terço, quarto: Ele comeu meio bolo*);
- Coletivos: sinalizam conjuntos ou grupos de elementos (*dúzia, centena, milhar: Comprei uma dúzia de ovos*).

Os numerais podem ser usados para descrever quantidades específicas, ordenar elementos, indicar multiplicação, frações ou coletivos.

Eles são invariáveis em gênero, exceto os numerais ordinais, que concordam em gênero e número com o substantivo que acompanham.

Preposição

Preposição é a classe de palavras que estabelece relações entre os elementos da frase, ligando termos e mostrando as relações.

Relações das preposições:

- Lugar (*em, a, de, para, sobre: Ele está em casa. Vou a São Paulo*);
- Tempo (*em, a, desde, até: Ela nasceu em 1990. Trabalhou até tarde*);
- Modo (*com, de, em: Ela falou com gentileza. Trabalha de maneira eficiente*);
- Causa (*por, de: Ele foi elogiado por seu desempenho. Morreu de cansaço*);
- Finalidade (*para, a: Estuda para o exame. Veio a fim de aprender*);
- Companhia (*com: Foi ao cinema com os amigos*);
- Instrumento (*com, de: Escreveu com uma caneta. Abriu a porta de chave*).

Além das preposições simples, existem locuções prepositivas, que são formadas por duas ou mais palavras que atuam como uma preposição.

Pronomes

Pronome é a classe de palavras que substitui ou acompanha um substantivo, indicando as pessoas do discurso (quem fala, com quem se fala, de quem ou do que se fala).

Os pronomes são usados para evitar repetições e para estabelecer relações de identidade e posse entre os elementos do discurso.

Tipos pronomes:

- **Pessoais:** substituem os substantivos, indicando as pessoas do discurso:
 - **Reto:** sujeito da oração (*eu, tu, ele, nós, vós, eles: Eu estudei*);
 - **Oblíquo:** objeto direto ou indireto, complemento nominal (*me, te, se, lhe, nos, vos, lhes: Ele me viu*).
- **Tratamento:** utilizados em situações formais para se referir à pessoa com quem se fala (*vossa excelência, vossa majestade: Vossa senhoria está presente*);
- **Demonstrativos:** indicam a posição dos seres em relação às pessoas do discurso (*este, esse, aquele: Este livro é meu*);
- **Relativos:** retomam um termo anterior e introduzem uma oração subordinada adjetiva (*que, quem, qual, cujo, onde: O livro que você me emprestou é interessante*);
- **Indefinidos:** referem-se de modo vago ou impreciso a seres ou coisas (*alguém, ninguém, todo, muito, pouco, vários: Alguém bateu à porta*);
- **Interrogativos:** introduzem orações interrogativas diretas ou indiretas (*quem, que, qual, quanto: Quem chegou?*);
- **Possessivos:** indicam posse em relação às pessoas do discurso (*meu, teu, seu, nosso, vosso: Este é meu livro*).

Os pronomes são usados para evitar a repetição de substantivos e para estabelecer clareza e coesão no texto.

Eles variam em gênero, número e pessoa, dependendo do contexto em que são utilizados.

Substantivo

Substantivo é a classe de palavras que dá nome aos seres, objetos, lugares, sentimentos, qualidades, ações e fenômenos.

Os substantivos podem ser classificados de várias maneiras, e desempenham um papel central na construção das frases, funcionando como núcleo dos sujeitos, objetos e complementos.

Tipos de substantivos:

- Comuns: designam seres ou coisas de uma mesma espécie de forma genérica (*cachorro, cidade, carro: O cachorro correu pelo parque*);
- Próprios: nomeiam seres ou coisas de maneira específica e individual (*Brasil, João, Amazonas: João mora no Brasil*);
- Concretos: designam seres ou coisas que têm existência própria e independente (*árvore, pessoa, casa: A árvore está florida*);
- Abstratos: nomeiam ações, qualidades, estados ou sentimentos (*beleza, tristeza, alegria: A beleza da paisagem é indescritível*);
- Coletivos: designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie (*alcateia, esquadra, matilha: A alcateia se moveu silenciosamente pela floresta*);
- Primitivos: não derivam de outra palavra (*terra*);
- Derivados: derivam de uma palavra primitiva (*terreno, terráqueo*);
- Simples: formados por uma única palavra (*flor*);
- Compostos: formados por mais de uma palavra (*flor-de-lis*).

Os substantivos podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo).

Funcionam como o núcleo dos sintagmas nominais, sendo essenciais para identificar e descrever os elementos da realidade.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que expressa ações, estados, fenômenos da natureza ou ocorrências situadas no tempo.

Os verbos são essenciais para a estruturação das frases, indicando o que o sujeito faz, sofre, ou a condição em que se encontra.

Estrutura dos verbos:

- Radical: parte invariável do verbo que contém o significado principal (*am* em **amar**);
- Vogal temática, que se junta ao radical para formar o tema do verbo (*a* em **amar**);
- Tema: união do radical com a vogal temática (*ama-*);
- Desinências: sufixos que indicam as variações de tempo, modo, número e pessoa (*o* em **amo**).

Os verbos podem ser conjugados em três pessoas (1ª, 2ª e 3ª), duas formas de número (singular e plural), e vários tempos e modos.

Conjugação dos verbos:

- Tempos verbais:
 - Presente (*Eu estudo*);
 - Pretérito perfeito (*Eu estudei*);
 - Pretérito imperfeito (*Eu estudava*);
 - Pretérito mais-que-perfeito (*Eu estudara*);
 - Futuro do presente (*Eu estudarei*);
 - Futuro do pretérito (*Eu estudaria*).

Modos verbais:

- Indicativo: expressa certeza e realidade (*Eu vou à escola*);
- Subjuntivo: indica dúvida, desejo ou hipótese (*Espero que você vá à escola*);
- Imperativo: expressa ordem, pedido ou conselho (*Vá à escola*).

Formas nominais:

- Infinitivo (*Amar*);
- Gerúndio (*Amando*);
- Particípio (*Amado*).

Vozes verbais:

- Ativa: o sujeito pratica a ação (*O aluno escreveu a redação*);

- Passiva: o sujeito recebe a ação (*A redação foi escrita pelo aluno*);
- Reflexiva: o sujeito pratica e recebe a ação (*Ele se cortou*).

Os verbos contribuem para a construção das frases, permitindo que se expressem ações, estados e fenômenos.

Palavras denotativas

As palavras denotativas são termos que, embora não pertençam a uma classe gramatical específica como substantivos, adjetivos ou advérbios, têm a função de expressar nuances de significado, intensificar, limitar, ou modificar o sentido de uma oração.

Essas palavras são usadas para conferir ênfase, precisão ou algum tipo de especificidade à mensagem, sem alterar significativamente a estrutura gramatical da frase.

Palavras denotativas, classificadas de acordo com suas funções:

- Afirmação: confirmam ou reforçam uma ideia (*sim, certamente, realmente*);
- Negação: expressam a ausência ou a negação de algo (*não, nunca, jamais*);
- Inclusão: sugerem adição ou inclusão de elementos (*também, ainda, até*);
- Exclusão: indicam restrição ou exclusão de algo (*só, apenas, senão*);
- Intensidade: aumentam ou diminuem a força de um termo (*muito, pouco, bastante*);
- Dúvida: expressam incerteza ou possibilidade (*talvez, possivelmente, provavelmente*);
- Designação: apontam uma referência específica (*eis, ali, aqui*);
- Retificação: corrigem ou ajustam uma informação (*aliás, ou melhor, isto é*);

As palavras denotativas são ferramentas que permitem adicionar nuances e detalhes à mensagem.

SINTAXE

A sintaxe é a área da gramática que estuda a forma como as palavras se organizam e se relacionam dentro de uma frase para formar um enunciado com sentido.

Em geral, as frases seguem uma estrutura coesa e organizada, respeitando regras gramaticais que garantem clareza e compreensão.

No entanto, nem sempre as frases mantêm essa coesão gramatical de forma absoluta.

Em busca de maior expressividade ou impacto, muitas vezes ocorrem superabundâncias, desvios, ou até mesmo lacunas na estrutura frásica considerada padrão.

Essas particularidades na construção das frases são influenciadas pelo contexto geral e pela situação em que a comunicação ocorre.

Nesses casos, a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, onde o significado e a intenção comunicativa ganham mais destaque do que a forma tradicional.

Esses desvios, que fogem das regras sintáticas habituais para alcançar efeitos expressivos, são conhecidos como figuras de sintaxe.

As figuras de sintaxe são, portanto, processos expressivos que alteram a estrutura convencional das frases para produzir um efeito estilístico ou enfático, adaptando a linguagem às necessidades comunicativas do momento.

Elas demonstram que a sintaxe não é rígida, mas flexível, permitindo que a linguagem se molde para melhor transmitir as nuances e intenções do falante.

Elipse

A elipse é a omissão de um termo em uma frase que pode ser facilmente identificado pelo contexto ou situação.

O termo omitido é geralmente subentendido ou preenchido mentalmente pelo interlocutor ou leitor.

Elementos omitidos:

- Sujeito: quando não é explicitamente mencionado (*Fui ao mercado e comprei frutas*);
- Verbo: omitido em uma parte da frase, mas seu significado é facilmente inferido a partir do contexto anterior, seu uso evita repetição e torna a comunicação mais fluida (*João estudou para a prova; Maria, para o concurso*);
- Preposição: comum em expressões idiomáticas ou em construções onde a preposição é facilmente subentendida (*Ela caminhava, livro na mão, pela praia*);
- Conjunção: pode ser omitida para tornar a frase mais direta e ágil, sem comprometer o sentido ou a lógica (*Ele disse que viria, não veio*).

Portanto, a elipse é usada para tornar o discurso mais conciso e rápido.

Ela confere dinamismo e envolvimento ao texto, tornando a leitura mais ativa.

É comum em diálogos ou textos que valorizam a economia de palavras sem perder a clareza.

Zeugma

A zeugma é uma figura de linguagem que faz parte da elipse.

Consiste na omissão de um termo já mencionado anteriormente, mas que continua implícito em outros enunciados subsequentes.

Esse termo pode ser um verbo, um sujeito ou outro elemento da oração, e sua omissão é compreendida a partir do contexto da frase anterior.

Tipos de zeugma:

- Simples: o termo omitido é exatamente o mesmo utilizado na oração anterior (*Ele gosta de música; ela, de livros*);
- Complexa: o termo omitido é subentendido, mas aparece em outra flexão ou forma verbal (*A igreja era grande e pobre. Os altares, simples*).

A zeugma é frequentemente utilizada em orações comparativas para

produzir efeitos estilísticos, conferindo elegância e fluência ao texto (*Ela trabalha como médica; ele, como engenheiro*).

Ela contribui para a concisão e o dinamismo do discurso, evitando repetições desnecessárias e permitindo que o texto flua de maneira mais natural.

É uma ferramenta estilística que pode enriquecer a expressividade e a clareza da comunicação.

Pleonasmo

Pleonasmo é o uso de palavras em excesso para expressar uma ideia, muitas vezes replicando a fala popular ou adicionando ênfase a uma mensagem.

Ele pode ser usado intencionalmente para dar maior destaque, intensidade ou clareza a um pensamento ou sentimento.

Características do pleonasmo:

- Intencional: procura reproduzir a fala popular (*Sai lá pra fora, João*);
- Distinção de redundância viciosa: repetição desnecessária e deve ser evitada (*Céu azul. Mar salgado*);
- Para dar destaque ao objeto direto, é comum iniciar a frase com o objeto e, em seguida, repetir esse objeto usando um pronome (*O livro, li-o em um dia*);
- O pronome *lhe* (ou *lhes*) pode ser usado para reiterar o objeto indireto expresso por um sintagma nominal no início da frase (*Ao homem mesquinho basta-lhe um burrinho*);
- Para enfatizar o objeto, direto ou indireto, pode-se usar um pronome átono correspondente à forma tônica regida pela preposição *a* (*A mim não me enganas*).

No uso do pleonasmo, é importante distinguir as redundâncias viciosas para evitar repetições desnecessárias.

Outras figuras de sintaxe

- Hipérbato: separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico (*Brilhantes são as estrelas que no céu cintilam*);
- Anástrofe: tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (preposição + substantivo) ao determinado (*Das montanhas verdes desciam os rios caudalosos*);
- Prolepse: figura também conhecida como antecipação, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda (*Os alunos, parece que esqueceram o horário da prova*);
- Síntese: inversão violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação (*Ao longe, a estrada via-se serpenteando por entre as montanhas*);
- Assíndeto: quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem a conjunção coordenativa que poderia unir os elementos (*Corri, tropecei, caí, levantei-me*);
- Polissíndeto: emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas (*E cantava, e dançava, e sorria sem parar*);
- Anacoluto: mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível (*Essa camisa, eu não sei se ficou bem em você*);
- Silepse: concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam, podendo ser silepse de número (*A família chegou cedo, e logo começaram a arrumar tudo*), de gênero (*Vossa majestade está satisfeito com a decisão?*) e de pessoa (*A gente aqui estamos preocupados com o resultado*).

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

Concordância verbal e nominal é a parte da gramática que estuda a

relação de harmonia entre os elementos de uma frase.

Trata-se do processo de flexão dos termos, em que os verbos concordam em número e pessoa com seus sujeitos.

Os adjetivos, artigos, pronomes e numerais ajustam-se em gênero e número com os substantivos a que se referem.

Concordância verbal

Pela concordância verbal, o verbo concorda em número (singular ou plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira) com o sujeito a que se refere.

Regras básicas de concordância verbal:

- Quando o sujeito é simples, o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito (*O aluno estuda diariamente*, sujeito: *o aluno*, verbo: *estuda*);
- Quando o sujeito é composto, o verbo vai para o plural (*Maria e João estudam diariamente*, sujeito: *Maria e João*, verbo: *estudam*);
- Quando o sujeito é um substantivo coletivo, o verbo permanece no singular (*A multidão aplaudiu o espetáculo*, sujeito: *a multidão*, verbo: *aplaudiu*);
- Quando o sujeito é indeterminado, o verbo fica na terceira pessoa do singular (*Precisa-se de ajudantes*, verbo: *precisa-se*);
- Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica no singular (*É necessário que todos compareçam*, verbo da oração principal: *é*);
- Quando o sujeito é formado por expressões partitivas (*a maioria de, a maior parte de*), o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o substantivo plural (*A maioria dos alunos estuda/estudam diariamente*).

Casos especiais:

- A concordância do verbo *ser* pode variar conforme o contexto (*Ele é professor. Eles são professores*);
- Quando o sujeito é um nome próprio ou um título no plural, o

verbo pode concordar no singular ou plural, dependendo do uso (*Os Estados Unidos são uma potência mundial*);

- Os pronomes de tratamento (vossa excelência, vossa senhoria) exigem que o verbo fique na terceira pessoa do singular (Vossa excelência está convidado).

Concordância nominal

Pela concordância nominal há uma relação de harmonia entre os nomes (substantivos) e seus determinantes (adjetivos, artigos, pronomes e numerais).

Trata-se do processo pelo qual os adjetivos, artigos, pronomes e numerais ajustam sua forma para concordar em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) com o substantivo a que se referem.

Regras básicas de concordância nominal:

- O adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo que acompanha (*A casa bonita*: feminino singular. *Os carros rápidos*: masculino plural);
- O artigo deve concordar em gênero e número com o substantivo que acompanha (*O livro*: masculino singular. *As flores*: feminino plural)
- O pronome deve concordar em gênero e número com o substantivo que substitui ou acompanha (*Meu amigo*: masculino singular. *Minhas amigas*: feminino plural);
- O numeral deve concordar em gênero e número com o substantivo que quantifica ou ordena (*Dois carros*: masculino plural. *Duas casas*: feminino plural)

Casos especiais:

- Quando o adjetivo se refere a dois ou mais substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural (*O aluno e a professora dedicados*);
- Quando o adjetivo vem antes de dois ou mais substantivos, concorda com o substantivo mais próximo (*Bela casa e jardim*:

concorda com *casa*);

- Os pronomes possessivos e demonstrativos devem concordar em gênero e número com o substantivo (*Este livro*: singular. *Estas flores*: feminino plural);
- Os numerais ordinais devem concordar em gênero e número com o substantivo que ordenam (*O primeiro aluno*: masculino singular. *A primeira aluna*: feminino singular).

REGÊNCIA VERBAL A NOMINAL

A regência verbal e nominal é uma parte da gramática normativa que trata das relações de dependência entre dois termos de uma oração.

Ela verifica se um termo funciona como complemento de outro e se há a necessidade de uma preposição para estabelecer essa conexão.

A regência verbal está relacionada à ligação entre verbos e seus complementos, enquanto a regência nominal trata da relação entre nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) e os termos que os complementam.

Regência verbal

A regência verbal é aspectos da gramática normativa que aborda a relação entre os verbos e seus complementos dentro de uma frase.

Os verbos podem ser classificados de acordo com sua necessidade de complementação.

Alguns verbos exigem que outro termo complete o seu sentido, enquanto outros são autossuficientes.

Os verbos que requerem complemento são chamados de verbos transitivos, e o complemento pode ser direto, indireto ou ambos.

A presença ou ausência de uma preposição é um aspecto crucial na regência verbal.

Verbos transitivos diretos exigem um complemento sem a necessidade de preposição

Ela comprou um livro:

- O verbo *comprar* é transitivo direto e o complemento *um livro* liga-se a ele diretamente, sem preposição.

Já os verbos transitivos indiretos exigem a presença de uma preposição para ligar o complemento ao verbo.

Ela gosta de música:

- O verbo *gostar* é transitivo indireto e exige a preposição *de* para ligar-se ao complemento *música*.

Há também verbos que podem ser transitivos diretos e indiretos ao mesmo tempo, como *informar* e *avisar*.

O professor informou os alunos do evento:

- Nesse caso, *os alunos* é o complemento direto, e *do evento* é o complemento indireto.

A regência verbal também pode influenciar o sentido da frase.

Um exemplo clássico é o verbo *assistir*. Quando usado no sentido de *ver*, ele exige a preposição *a* (*Assistir ao filme*).

No entanto, quando usado no sentido de *dar assistência*, ele é transitivo direto, sem a necessidade de preposição (*Assistir os pacientes*).

A escolha correta da preposição, ou a sua ausência, pode alterar completamente o significado da oração.

Verbos transitivos diretos:

- Ler (*Ele leu o livro*);
- Escrever (*Ela escreveu uma carta*).

Verbos transitivos indiretos:

- Obedecer (*Os alunos obedecem ao professor*);
- Precisar (*Ela precisa de ajuda*).

Verbos transitivos diretos e indiretos:

- Informar (*O gerente informou os funcionários da mudança*);
- Pedir (*Ele pediu um favor ao amigo*).

A escolha adequada de complementos e preposições, baseada na regência verbal, garante que o sentido pretendido seja transmitido com precisão.

Regência nominal

A regência nominal trata da relação entre nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) e os termos que os complementam.

Assim como na regência verbal, a regência nominal envolve a presença ou ausência de preposições para estabelecer uma conexão correta entre esses termos.

Na regência nominal, certos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos para completar seu sentido. Esses complementos são geralmente introduzidos por preposições que ligam o nome ao termo que o completa.

Por exemplo, o substantivo *necessidade* frequentemente requer um complemento introduzido pela preposição *de*: *necessidade de mudanças*.

A presença de uma preposição é muitas vezes necessária para estabelecer a relação correta entre o nome e seu complemento.

Assim, o adjetivo *favorável* exige a preposição *a* para ligar-se ao seu complemento: *favorável à proposta*.

Da mesma forma, o substantivo *amor* pode exigir diferentes preposições dependendo do contexto: *amor por alguém* ou *amor a algo*.

Assim como na regência verbal, a escolha da preposição na regência nominal pode alterar o sentido da frase.

Por exemplo, o substantivo *apeço* pode ter seu sentido modificado dependendo da preposição utilizada: *apeço por* (afeto ou estima) e *apeço a* (respeito ou consideração).

Exemplos comuns na regência nominal:

- Substantivos:
 - Acesso (*Ele teve acesso a informações confidenciais*);
 - Medo (*Ela tem medo de altura*);
 - Admiração (*A admiração por seu trabalho é evidente*).
- Adjetivos:
 - Compatível (*Essa teoria é compatível com os fatos*);
 - Orgulhoso (*Ele está orgulhoso de suas conquistas*);

- Próximo (*O escritório é próximo da estação*).
- Advérbios:
 - Longe (*Ele mora longe de casa*);
 - Perto (*A escola fica perto da biblioteca*);
 - Devido (*O atraso ocorreu devido a problemas técnicos*).

A escolha da preposição adequada não só assegura a correção gramatical, mas também evita ambiguidades e imprecisões no discurso.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A colocação pronominal é a parte da gramática que trata da posição dos pronomes oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe*) em relação ao verbo na oração.

Esses pronomes são usados para substituir nomes ou expressões que já foram mencionados ou são conhecidos no contexto.

Sua posição na frase pode variar dependendo de diversos fatores, como a presença de palavras atrativas, o tipo de oração e o tempo verbal.

A escolha do tipo de colocação pronominal depende de regras específicas, que levam em conta fatores como a presença de palavras que atraem o pronome, a posição do verbo na frase e o tipo de verbo e tempo verbal utilizado.

Próclise

A próclise é um tipo de colocação pronominal em que o pronome oblíquo átono (*me, te, se, o, a, lhe*) é posicionado antes do verbo na oração.

Esse tipo de colocação é obrigatório em determinados contextos, especialmente quando a oração é precedida por certos elementos que atraem o pronome para antes do verbo.

A próclise é geralmente utilizada quando:

- Há palavras negativas (*não, nunca, ninguém, jamais*), que atraem o pronome para antes do verbo (*Não me diga isso. Nunca se deve*

mentir);

- Há pronomes relativos (*que, quem, cujo, onde*), que também exigem próclise (*Foi ele quem me ajudou. O livro que lhe dei é interessante*);
- Há pronomes indefinidos (*alguém, todo, nenhum, nada*), que atraem o pronome (*Alguém te viu ontem. Ninguém se importou com a situação*);
- Há advérbios (*aqui, agora, sempre, lá*), que também atraem o pronome para antes do verbo (*Aqui se vive bem. Sempre me lembro de você*);
- Há conjunções subordinativas (*que, porque, quando*) em orações subordinadas atraem o pronome (*Disse que me ajudaria. Ele explicou quando te veria*);
- Oração exclamativa ou interrogativa com tom exclamativo ou interrogativo, a próclise é utilizada (*Como te enganas! Quem lhe contou isso?*).

A próclise garante a correção gramatical e a fluidez das frases.

O seu uso adequado evita ambiguidades e reforça a clareza na comunicação.

Mesóclise

A mesóclise é uma forma de colocação pronominal em que o pronome oblíquo átono (*me, te, se, o, a, lhe*) é inserido no meio do verbo.

Essa estrutura é utilizada em situações específicas, principalmente com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando não há palavras que atraiam a próclise.

A mesóclise ocorre principalmente nas seguintes situações:

- Futuro do presente: quando o verbo está conjugado no futuro do presente e não há palavras que exijam próclise, o pronome é colocado entre o radical e a terminação do verbo (*Far-se-á justiça. Dizê-lo-ei amanhã*);
- Futuro do pretérito: da mesma forma, quando o verbo está no

futuro do pretérito e não há palavras que exijam próclise, a mesóclise é aplicada (*Contar-lhe-ia a verdade, se pudesse. Enviar-te-ia a carta, mas não tive tempo*).

A mesóclise é mais comum em textos formais e escritos, como em discursos, documentos oficiais e literatura.

Nela, o pronome é colocado entre o radical do verbo e as desinências de número, pessoa e tempo.

Isso é específico para verbos no futuro, e sua aplicação pode conferir um tom mais solene à frase.

No português contemporâneo, a mesóclise é rara e, muitas vezes, substituída pela próclise ou ênclise em contextos menos formais.

Em muitos contextos informais ou na linguagem falada, as pessoas tendem a evitar a mesóclise, utilizando a próclise ou ênclise em seu lugar (*Contar-te-ia pode-se dizer Te contaria. Dir-se-á, pode-se dizer Se dirá*).

A mesóclise, apesar de ser menos utilizada no cotidiano, ainda é relevante para a norma culta da língua portuguesa, especialmente em contextos formais.

Ênclise

A ênclise é uma forma de colocação pronominal em que o pronome oblíquo átono (*me, te, se, o, a, lhe*) é posicionado após o verbo, formando uma única palavra com ele.

Ela é usada em contextos específicos e é uma construção importante na norma culta da língua portuguesa, especialmente em textos formais e escritos.

A ênclise é usada principalmente nas seguintes situações:

- Quando o verbo inicia a oração, e não há palavras que atraiam a próclise (*Contou-me a história inteira. Viu-se em uma situação difícil*);
- Quando o verbo está no modo imperativo afirmativo (*Diga-me a verdade. Expresse-se claramente*);
- Quando o verbo está no infinitivo impessoal, e não há elementos

que exijam próclise (*É necessário esforçar-se para alcançar os objetivos. Ao terminar de ler, devolva-o à biblioteca*);

- Quando o verbo está no gerúndio e não é precedido por palavras atrativas (*Estava explicando-lhe o problema. Foi falando-me sobre a proposta*).

Utiliza-se a ênclise para a construção de frases gramaticalmente corretas, sendo especialmente relevante em contextos formais.

Casos facultativos

Em algumas situações, a colocação pronominal pode ser facultativa.

Isso ocorre quando o pronome oblíquo átono pode ser posicionado antes (próclise), depois (ênclise) ou, em alguns casos, no meio (mesóclise) do verbo, dependendo do estilo ou da ênfase desejada pelo falante ou escritor.

Esses casos facultativos geralmente surgem quando não há regras rígidas que determinem a colocação do pronome, permitindo uma certa flexibilidade na escolha da posição.

Principais casos facultativos de colocação pronominal:

- Quando o verbo está no futuro do presente ou futuro do pretérito, sem palavra atrativa, é possível usar tanto a mesóclise (*Dir-se-á a verdade*) quanto a próclise (*Se dirá a verdade*), sendo que a escolha entre uma e outra pode depender do estilo do texto, sendo a mesóclise mais comum em textos formais;
- Quando há orações coordenadas aditivas ou alternativas, sem uma palavra atrativa, o pronome pode ser colocado antes ou depois do verbo, na próclise (*Ele se levantou e se preparou para sair*) ou ênclise (*Ele levantou-se e preparou-se para sair*);
- No infinitivo flexionado, sem palavra atrativa, o pronome pode ser colocado tanto antes quanto depois do verbo, especialmente em textos literários ou formais em próclise (*Para não se esquecer do compromisso*) ou ênclise (*Para esquecer-se do compromisso*);
- Quando o verbo está no gerúndio, sem palavra atrativa, a posição do pronome pode variar, desde que não haja palavras que exijam

próclise (*Estava me preparando para o exame*) ou ênclise (*Estava preparando-me para o exame*).

A escolha entre uma posição ou outra pode afetar o estilo e a ênfase de uma frase, embora ambas as opções sejam gramaticalmente corretas nos casos facultativos.

Em textos formais, como documentos jurídicos ou acadêmicos, a mesóclise e a ênclise podem ser preferidas para conferir maior formalidade e clareza.

Já na fala cotidiana ou em textos informais, a próclise tende a ser mais usada por parecer mais natural.

ORTOGRAFIA

Ortografia é a parte da gramática que contém as regras e preceitos para a escrita correta das palavras, incluindo acentuação, pontuação, crase etc.

Deriva das palavras gregas *ortho* (correto) e *graphos* (escrita).

Além das letras do alfabeto, na língua escrita, usa-se um certo número de sinais auxiliares na pronúncia das palavras.

Notações léxicas:

- Acento: agudo (´) em vogais tônicas abertas (há) e fechadas (aí), grave (`) para indicar a crase (à, àquela) e circunflexo (^) para marcar timbre semifechado (câmara, avô);
- Til (~): indica a nasalidade em “a” (maçã) ou “o” (sermões);
- Apóstrofo ('): utilizado para suprimir uma letra ligada pela preposição “de” (caixa-d'água);
- Cedilha (ç): colocada debaixo do “c”, antes de “a”, “o” ou “u” (caçar, maciço, açúcar);
- Hífen (-): utilizado para ligar palavras compostas ou derivadas (couve-flor, ex-diretor), unir pronomes átonos a verbos (retire-o) e na separação de sílabas ao final da linha (estudan-/te).

Acordo Ortográfico

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, foi uma iniciativa para unificar a ortografia dos países lusófonos.

O objetivo também foi promover maior coesão entre as nações que utilizam o português como idioma oficial.

O acordo entrou em vigor oficialmente em 2009, mas a obrigatoriedade do seu uso passou a valer a partir de 2016 em países como Brasil, Portugal, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Pelo Acordo Ortográfico, uma das decisões foi a manutenção das letras “k”, “w” e “y” no alfabeto português.

Essas letras, que já eram usadas, foram oficialmente incorporadas ao alfabeto, que passou a ter 26 letras.

Foram mantidas em palavras de origem estrangeira e abreviações (kg, w/watt, byte/megabyte) e derivados (Wagner, wagnerismo).

Igualmente são comuns em abreviaturas e siglas, especialmente em contextos científicos, técnicos e comerciais (km, w, www).

Também se utilizam em nomes próprios e topônimos de origem estrangeira, mantendo a grafia original (Kant, Yoko, Disney, Wanderley-BA).

A regra é aporuguesar os nomes de cidades famosas (Milão, Londres, Cidade do Cabo, Hamburgo) e preservar a grafia original daqueles que são derivados de sobrenomes ou menos familiares (Washington, Heildelberg, Salt Lake).

Deve-se evitar o híbrido (Nova York), preferindo a forma aporuguesada dos dois termos (Nova lorque).

O uso do trema foi abolido em todas as palavras da língua portuguesa. No entanto, ele foi mantido em palavras de origem estrangeira e seus derivados (Müller, mülleriano).

Também houve alterações relacionadas à acentuação.

O acento foi eliminado nos ditongos abertos *ei* e *oi* em palavras paroxítonas, aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima (ideia, heroico, assembleia);

O acento diferencial foi abolido em algumas palavras que antes o possuíam para distinguir significados diferentes (“pára”, do verbo “parar”, e “para”, preposição ou verbo).

Igualmente, foi suprimido em palavras paroxítonas com hiato de “oo” e “ee” (enjoo, voo, creem, leem).

O acento circunflexo foi mantido para distinguir entre formas verbais que podem ser homônimas, como em “pôr” (verbo) e “por” (preposição).

O Acordo Ortográfico ainda trouxe mudanças no uso do hífen.

As novas regras simplificam e uniformizam o uso do hífen, mas ainda existem exceções e especificidades.

Hífen

O hífen é um sinal ortográfico que, na maioria das vezes, serve para unir palavras compostas e formadas por prefixos.

Além disso, ele é utilizado para marcar a ênclise ou a mesóclise e destacar termos acessórios em uma oração.

Usa-se o hífen:

- Compostos: adjetivos (*verde-claro, luso-brasileiro*), palavras que designam espécies botânicas e zoológicas (*erva-doce, bem-te-vi*) e que possuem elementos autônomos e não formam uma unidade semântica (*guarda-chuva, segunda-feira*).
- Justaposição, sem elemento de ligação: quando o primeiro termo é um substantivo, adjetivo, numeral ou verbo (*amor-perfeito, boa-fé, decreto-lei, primeiro-ministro, guarda-noturno*);
- Quando o primeiro elemento é *mal* ou *bem* e o segundo começa por vogal (*mal-afortunado, bem-aventurado*), bem como por consoante dobrada (*bem-merecido, mal-lavado*) e por *h* (*bem-humorado, mal-habitado*);
- Nomes geográficos: compostos por *grã* (*Grã-Bretanha*), por forma verbal (*Passa-Quatro*) ou quando ligados por artigo (*Entre-os-Rios*);
- Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com a mesma vogal (*anti-inflamatório, micro-ondas*) ou com *h*

(*anti-higiênico, pré-história, super-homem*);

- Quando o prefixo termina em *r* e o segundo elemento começa com *r* (*super-resistente, inter-regional*);
- Quando o prefixo *circum* ou *pan* é seguido de uma palavra que começa com *m*, *n* ou *h* (*circum-mediterrâneo, circum-navegação, circum-hospitalar, pan-milenar, pan-negritude, pan-helênico*);
- Palavras com os prefixos *ex* (*ex-marido*), *sota* (*sota-piloto*), *vice* (*vice-presidente*), *recém* (*recém-chegado*), *além* (*além-mar*) e *sem* (*sem-terra*);
- Palavras com prefixos *pós* (*pós-graduação*), *pré* (*pré-escolar*) e *pró* (*pró-europeu*);
- Quando o prefixo termina em *b* ou *d* e o segundo elemento começa com *r* (*ab-rogar, sub-região*);

Não se usa o hífen:

- Em prefixos terminados em vogal, seguidos de palavras iniciadas por consoantes diferentes de *r* ou *s* (*autoescola, aeroespacial, autoajuda*);
- Em prefixos terminados em *b* ou *d*, seguidos de palavras iniciadas por *s* ou *r*, e as consoantes *r* ou *s* não precisam ser dobradas (*subsolo, adrenal*);
- Em compostos que perderam a noção de composição e passaram a ser considerados palavras simples (*girassol, paraquedas, madressilva*);
- Em expressões formadas por um verbo seguido de um substantivo (*passatempo, puxavante*);
- Com o prefixo *co*, quando a palavra seguinte começa com *o* (*coordenar, cooperar, coobrigar*).

Acentuação gráfica

A acentuação gráfica é um conjunto de regras ortográficas.

Ela indica o uso de sinais gráficos, como o acento agudo, o acento circunflexo e o til.

Esses sinais marcam as pronúncias e as tonicidades corretas das palavras na língua portuguesa.

As regras gerais da acentuação gráfica determinam como e quando as palavras devem receber acentos para marcar a sílaba tônica e diferenciar palavras de significados distintos.

Principais regras da acentuação gráfica:

- As palavras oxítonas (aquelas cuja última sílaba é a tônica) são acentuadas quando terminam em *a, e, o*, seguidas ou não de *s*, ou em *em e ens*:
 - *a*: *café, cajá, sofá*;
 - *e*: *você, até, jacaré*;
 - *o*: *avó, jiló, cipó*;
 - *em*: *também, ninguém*.
- As palavras paroxítonas (aquelas cuja penúltima sílaba é a tônica) são acentuadas quando não terminam em *a, e, o, em* ou *ens*, além disso, recebem acento as paroxítonas terminadas em *l, n, r, x, ps, ã, ão, um, uns, i, is, us* e *ei*:
 - *l*: *fácil, réptil*;
 - *r*: *caráter, repórter*;
 - *i*: *júri, lápis*;
 - *ã/ão*: *órfã, órgão*.
- Todas as palavras proparoxítonas (aquelas cuja antepenúltima sílaba é a tônica) são acentuadas:
 - *Lâmpada, pêndulo, médico*.
- Os ditongos abertos *éi, éu e ói* são acentuados em palavras oxítonas e paroxítonas:
 - *Céu, herói, anéis*.
- Alguns pares de palavras recebem acento para diferenciar significados:
 - *pôr* (verbo) e *por* (preposição);
 - *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito).
- Acentuam-se as vogais *i* e *u* tônicas quando formam hiato com a

vogal anterior, desde que não sejam seguidas por *nh* na mesma sílaba:

- *Baú, saí, país.*

Essas regras básicas orientam o uso correto dos acentos gráficos na língua portuguesa, garantindo a distinção de pronúncia e significado das palavras.

A acentuação das palavras na língua portuguesa segue regras específicas que dependem da posição da sílaba tônica (a sílaba que é pronunciada com mais força) na palavra.

As palavras podem ser classificadas como oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas, de acordo com a localização da sílaba tônica.

Regras de acentuação para cada tipo:

- Oxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a última da palavra, sendo acentuadas quando terminam em *a, e, o* (seguidas ou não de *s*), ou em *em* e *ens*:
 - *a: cajá, vatapá, sofá;*
 - *e: café, jacaré, você;*
 - *o: jiló, avó, dominó;*
 - *em: também, armazém;*
 - *ens: parabéns, armazéns.*
- Paroxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a penúltima, que são acentuadas quando não terminam em *a, e, o, em* ou *ens*, portanto, são acentuadas quando terminadas em *l, n, r, x, ps, ã, ão, um, uns, i, is, us* e *ei*.
 - *l: fácil, amável, réptil;*
 - *r: caráter, repórter, açúcar;*
 - *i: júri, lápis, táxi;*
 - *ã/ão: órfã, órgão, imã.*
- Proparoxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima, e são acentuadas, sem exceção:
 - *Lâmpada, pêndulo, médica, efêmero.*

Resumo:

- Oxítonas: acentuam-se quando terminam em *a, e, o, em, ens*;
- Paroxítonas: acentuam-se quando não terminam em *a, e, o, em, ens*;
- Proparoxítonas: todas são acentuadas.

Crase

A crase é a fusão da preposição *a* com o artigo definido feminino *a* ou com pronomes demonstrativos que começam com *a*.

O sinal gráfico que indica a crase é o acento grave (*à*).

A crase é usada para marcar essa contração, ajudando a evitar ambiguidades e garantindo a clareza na escrita.

Obrigatória

A crase é de uso obrigatório em várias situações na língua portuguesa.

Principais casos em que a crase deve ser utilizada:

- Quando a preposição *a* encontra o artigo definido feminino *a* antes de palavras femininas:
 - *Vou à escola* (vou a + a escola).
- Antes de locuções femininas que expressam circunstâncias de tempo, lugar, modo etc.:
 - *Chegou à tarde* (locução adverbial de tempo);
 - *Referiu-se à medida* (locução prepositiva);
- Antes das palavras *aquela, aquelas, aquela, aquele, aqueles*, quando a preposição *a* se combina com pronomes demonstrativos iniciados por *a*:
 - *Refiro-me àquela situação*.
- Quando há a combinação da preposição *a* com pronomes possessivos femininos que aceitam o artigo *a*:
 - *Entreguei o presente à minha amiga*.
- Nas expressões que indicam horas exatas, exceto quando antecedidas pela preposição *para* ou pelo verbo *dar*:

- *A reunião começa às 10 horas.*
- Mesmo que a expressão *à moda* de esteja implícita, a crase é obrigatória:
 - *Ele escreveu à Camões (à moda de Camões).*

Portanto, a crase é obrigatória em contextos específicos que envolvem a fusão da preposição *a* com o artigo feminino *a*, ou com pronomes demonstrativos e possessivos femininos, além de expressões de tempo e modo.

Facultativa

O uso da crase pode ser facultativo em alguns contextos.

Ou seja, ela pode ou não ser utilizada, dependendo do estilo ou da preferência do escritor.

Principais casos de uso facultativo da crase:

- Quando a preposição *a* precede um nome próprio feminino, o uso da crase depende da intenção de especificidade; se a intenção é destacar a pessoa, usa-se a crase; caso contrário, pode-se optar por não usar:
 - *Entreguei o presente a Maria;*
 - *Entreguei o presente à Maria.*
- Após a preposição *até*, que admite tanto a presença quanto a ausência da crase, o uso é facultativo:
 - *Foi até a praia;*
 - *Foi até à praia.*
- Quando a preposição *a* é seguida por pronomes possessivos femininos (*minha, sua, nossa* etc.), o uso da crase pode ser opcional, especialmente em situações menos formais:
 - *Referiu-se a minha irmã;*
 - *Referiu-se à minha irmã.*

O uso facultativo da crase ocorre em contextos onde a decisão de usar ou não o acento grave não compromete a clareza ou a correção da frase.

Isso se torna, muitas vezes, uma questão de estilo ou ênfase.

Ao escolher usar ou não a crase, o escritor pode adaptar o texto ao seu gosto pessoal ou ao nível de formalidade desejado.

Proibitiva

A crase é proibida em algumas situações específicas, onde o uso do acento grave à não é permitido.

Principais casos em que a crase deve ser evitada:

- Antes de palavras masculinas, quando não há contração da preposição *a* com o artigo masculino *o*:
 - *Vou a pé* (e não, *vou à pé*);
- Antes de verbos, quando não são precedidos por artigos:
 - *Começou a estudar* (e não, *começou à estudar*);
- Antes de pronomes pessoais, de tratamento e demonstrativos, que não iniciem com *a* e pronomes indefinidos:
 - *Refiro-me a ela* (e não, *refiro-me à ela*);
 - *Entreguei o documento a todos* (e não, *entreguei o documento à todos*).
- Quando a preposição *a* está no singular e a palavra seguinte no plural:
 - *Referiu-se a pessoas influentes* (e não, *referiu-se à pessoas influentes*).
- Antes do artigo indefinido *uma*, pois ele não permite a fusão com a preposição *a*:
 - *Fui a uma festa* (e não, *fui à uma festa*).
- Em expressões formadas por palavras repetidas:
 - *Face a face* (e não, *face à face*);
- Antes de nomes de cidades que não são precedidos por artigo:
 - *Vou a Porto Alegre* (e não, *vou à Porto Alegre*).

Sendo assim, a crase é proibida em contextos onde não há a fusão da preposição *a* com um artigo ou pronome feminino que justifique o acento grave.

Pontuação

A pontuação é um conjunto de sinais gráficos.

Na escrita, ela organiza o texto, indica pausas, entonações e separa ideias.

Sinais e usos

Principais sinais de pontuação e seus usos:

- Ponto final (.): finaliza frases declarativas ou enunciados completos (*Ela foi ao mercado.*);
- Vírgula (,): separa elementos de uma lista, orações coordenadas, e isolam vocativos e apostos (*Comprei pão, leite, frutas e café*);
- Ponto e vírgula (;): separa orações independentes relacionadas ou itens de uma lista complexa (*Estudou muito; contudo, não passou no exame*);
- Dois-pontos (:): introduz uma explicação, lista, citação ou discurso direto (*Ela disse: “estou cansada”*);
- Ponto de interrogação (?): indica uma pergunta direta (*Você vai ao cinema?*);
- Ponto de exclamação (!): expressa surpresa, emoção ou ênfase (*Que lindo!*);
- Aspas (“ ”): destacam citações, falas, ou palavras com sentido especial (*Ela disse: “vou sair agora”*);
- Parênteses (): inserem explicações, comentários ou informações adicionais (*A reunião será amanhã (quinta-feira)*);
- Travessão (-): marca diálogos, inserções explicativas, ou dá ênfase a uma parte da frase (*Ele respondeu – sem hesitar – que estava certo*);
- Reticências (...): indica uma pausa, suspensão ou continuidade no discurso (*Eu não sei... Talvez amanhã*).

Esses sinais de pontuação são fundamentais para estruturar e clarificar o texto.

SEMÂNTICA

A semântica é o ramo da linguística que estuda a significação das palavras, tanto de forma isolada quanto em contextos específicos.

O significado de uma palavra refere-se à noção ou ideia que ela transmite.

As palavras podem ter diversos sentidos dependendo do contexto em que são utilizadas.

Elas têm um significado primário quando analisadas de forma isolada, mas podem adquirir vários sentidos secundários em diferentes contextos.

Fatores que alteram o significado:

- Acentuação gráfica/prosódia: *sábia* (mulher culta) e *sabiá* (ave);
- A posição da sílaba tônica: *fabrica* (verbo fabricar) e *fábrica* (indústria);
- A pronúncia de vogais: *molho* (caldo) e *molho* (objetos unidos);
- O singular e o plural: *a letra* (símbolo gráfico) e *as letras* (literatura);
- O gênero gramatical: *a rádio* (emissora) e *o rádio* (aparelho);
- O uso do acento grave: *chegou à noite* (período noturno) e *chegou a noite* (oposto ao dia);
- A ordem das palavras: *qualquer mulher* (alguma mulher) e *mulher qualquer* (sem valor);
- O contexto do advérbio: *fale mais* (intensidade) e *não fale mais* (tempo).

A semântica abrange as possibilidades de significação das palavras, considerando o conhecimento de mundo, a experiência de vida e outros fatores que influenciam a interpretação de um enunciado.

Sinonímia

O sinônimo é a palavra específica, enquanto sinonímia é a relação entre essas palavras que têm significados semelhantes (*bonito, belo*).

Mas depende do contexto e da intenção do falante (*Ele mora na casa grande. Ele é um grande artista*).

O mesmo sinônimo pode ter nuances diferentes dependendo de como e onde é usado (*Ela tem um rosto delicado. O assunto é delicado*).

A sinonímia não se restringe apenas às palavras individuais (léxico), mas também pode ocorrer em frases inteiras, onde uma expressão pode ser substituída por outra com significado semelhante (*Ela resolveu o problema rapidamente. Ela solucionou a questão com rapidez*).

O uso de sinônimos evita a repetição excessiva de palavras e enriquece a linguagem, tornando o texto mais fluido e interessante.

Antonímia

A antonímia é a relação entre palavras, expressões ou frases que possuem significados opostos ou excludentes.

Essas palavras são chamadas de antônimos.

Os antônimos podem ser formados de diferentes maneiras:

- Palavras de radicais diferentes, que não compartilham a mesma raiz, mas possuem significados contrários (*calor, frio*);
- Prefixos de negação, adicionados à palavra original (*honesto, desonesto*);
- Prefixos de significação contrária, acrescentados à palavra original (*ativo, inativo*);
- Frases ou orações, em que o conteúdo de uma entra em conflito direto com o de outra (*Hoje o dia está ensolarado. Hoje o dia está nublado*).

A antonímia permite expressar contrastes e oposições de forma clara e precisa.

Homonímia

A homonímia é a relação entre palavras que são idênticas na pronúncia e/ou na grafia, mas que possuem significados diferentes.

Principais tipos de homônimos:

- Homófonos apresentam a mesma pronúncia, mas grafias diferentes

e significados distintos: *tachar* (acusar) e *taxar* (estabelecer um imposto);

- Homógrafos possuem a mesma grafia, mas são pronunciadas de forma diferente e têm significados diversos: *almoço* (refeição) e *almoço* (do verbo *almoçar*);
- Perfeitos, que compartilham tanto a grafia quanto a pronúncia, mas que têm significados diferentes: *casa* (lar) e *casa* (do verbo *casar*)

A homonímia, em alguns casos, causar confusão ou ambiguidade.

No entanto, é também um recurso que enriquece a linguagem e desafia a compreensão.

Paronímia

A paronímia é a relação entre palavras que são muito semelhantes na grafia e na pronúncia, mas que possuem significados distintos.

Exemplos de parônimos:

- Absorver: absolvição (*O juiz decidiu absolver o réu*) e absorção (*A planta consegue absorver água do solo*);
- Emergir (*O submarino começou a emergir após a missão*) e imergir (*O mergulhador se preparou para imergir nas águas cristalinas do oceano*);
- Infligir (*O tribunal decidiu infligir uma pena ao culpado*) e infringir (*Ele foi multado por infringir as leis de trânsito*).

Polissemia

Uma palavra polissêmica é aquela que pode ter diferentes significados dependendo da situação em que é empregada.

Exemplos de polissemia:

- Peça de automóvel (*O mecânico substituiu a peça do motor*) e de teatro (*Assistimos a uma peça no Municipal*);
- Banco: instituição financeira (*Ela foi ao banco para abrir uma conta*) e assento (*Sentaram-se no banco do parque*);

- Letra: símbolo gráfico (*A letra B é a segunda do alfabeto*) e de música (*Ele decorou a letra da sua música favorita*).

Isso torna a interpretação do vocábulo dependente do contexto em que ele aparece.

Hiperonímia

Hiperonímia é a relação semântica em que uma palavra, chamada de hiperônimo, possui um significado abrangente que inclui o sentido de várias outras palavras.

Por exemplo, a palavra *animal* é um hiperônimo porque inclui dentro do seu significado palavras mais específicas como *gato*, *tartaruga*, *cavalo*, *boi*, entre outros.

Meronímia

O conceito de meronímia trata de palavras que representam a parte de um todo.

A palavra que indica a parte é chamada de merônimo, enquanto a que indica o todo é o holônimo.

Por exemplo, o *pneu* é uma parte específica do *carro*, que é o todo. Nesse caso, *carro* é o holônimo e *pneu* o merônimo.

Acronímia

A acronímia é o processo de formação de palavras a partir das iniciais de uma expressão.

Sigla e acrônimo são frequentemente usados como sinônimos, mas há uma distinção sutil entre eles, baseada na pronúncia.

Acrônimo refere-se a uma sigla que é pronunciada como uma palavra única, sem a necessidade de soletrar cada letra (*ONU*, *SUS*, *Unesco*, *Petrobras*).

A sigla é formada por uma sequência de letras iniciais que é

pronunciada letra por letra (*INSS, CPF, FGTS*).

Estrangeirismo

Estrangeirismo é o uso de palavras provenientes de outros idiomas.

Podem ser empregadas em sua forma original ou com adaptações.

Algumas são alteradas para se adequar às regras da língua (*estresse, abajur, xampu, rúgbi*).

No aportuguesamento, a palavra mantém a mesma grafia e pronúncia (*on-line, mouse, e-mail, marketing, show, shopping*).

Quando palavras estrangeiras são usadas sem modificação, sendo comum a ênfase com aspas ou itálico (“personal trainer” ou *personal trainer*).

Outras formas semânticas

- Toponímia: representa lugares (*Brasil, Florianópolis, Praça da Sé*);
- Antroponímia: refere-se a pessoas (*José, Maria*);
- Axionímia: constitui forma cortes de tratamento, expressão de reverência, título honorífico (*senhor, doutor, majestade*);
- Antonímia de marca: marcas ou artigos comerciais que se tornam sinônimos de um produto ou categoria (*maisena, gilete, cotonete, xerox*).

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de linguagem são recursos estilísticos utilizados na linguagem para conferir expressividade, ênfase ou beleza às palavras.

Existem diversas figuras de linguagem e elas podem ser classificadas de acordo com o efeito que produzem no texto.

Permitem que os autores explorem significados profundos e criem obras ricas em simbolismo e emoção.

No entanto, elas também são comuns na comunicação cotidiana, em discursos, na publicidade etc.

Funções da linguagem

As funções da linguagem representam diferentes formas de comunicação.

Cada uma desempenha um papel específico na construção e interpretação da mensagem.

Principais funções da linguagem:

- Referencial: informa sobre o referente, ou seja, o conteúdo da mensagem (*O Brasil é o maior país da América do Sul*);
- Emotiva ou expressiva: manifesta sentimentos e emoções (*Estou muito feliz com essa notícia!*);
- Conativa ou apelativa: influencia ou convence a agir de determinada forma (*Compre agora e ganhe 50% de desconto!*);
- Fática: estabelece, mantém ou interrompe a comunicação (*Alô? Está me ouvindo?*);
- Metalinguística: explica o próprio código ou linguagem (*A palavra “casa” é um substantivo feminino*);
- Poética: valoriza a forma e a estética da mensagem (*O amor é fogo que arde sem se ver, Camões*).

Essas funções são utilizadas em diferentes contextos e podem estar combinadas em uma mesma mensagem.

Conotação e denotação

Conotação e denotação são conceitos relacionados à forma como os significados são construídos e percebidos.

A denotação refere-se ao significado literal e objetivo de uma palavra, aquilo que ela representa diretamente no mundo real.

Por outro lado, a conotação vai além do significado literal, envolvendo aspectos subjetivos, emocionais e culturais.

São inúmeros recursos para dizer uma coisa e que pode significar outra:

- Antífrase ou ironia: afirmar uma coisa que, na verdade, se quer negar (*A sopa estava uma delícia: fria e sem tempero*);
- Litotes: quando se diz pouco para dar a entender mais (*Você não é nada bobo*);
- Preterição: trata um determinado assunto ao mesmo tempo que se afirma que ele será evitado (*Eu não critico a Ana, aquela ingrata*);
- Reticência: suspender o que está sendo dito, deixando subentendido o que se pretendia dizer (*Não sei se devo aceitar o convite...*);
- Eufemismo: quando se suaviza algo que de fato teria maior intensidade (*Cheira mal*, em vez de *fedo*);
- Hipérbole: quando se intensifica e exagera o que é mais atenuado (*Eu já falei um milhão de vezes*).

Existem ainda modos de combinar figuras e temas, por meio das figuras de linguagem, quando há alteração do sentido de uma palavra, expressão ou construção textual:

- Antítese: representa os opostos entre temas e figuras (*Ela está entre a vida e a morte*);
- Prosopopeia: atribuir qualidades ou acontecimentos próprios de humanos a não-humanos (*As árvores pedem socorro*);
- Metonímia: relação de inclusão ou implicação (*Ele comprou um Picasso*);
- Metáfora: pelo sentido que adquire (*Os pulmões da cidade*);
- Oxímoro ou paradoxo: agrupa significados contrários ou contraditórios (*Já estou cheio de me sentir vazio*);
- Sinestesia: reúne elementos designativos de sensações relativas a diferentes órgãos dos sentidos (*Sentiu o gosto amargo da derrota*).

Vícios de linguagem

Vícios de linguagem são desvios das normas gramaticais e de estilo que podem comprometer a clareza, a correção ou a elegância do texto.

Principais vícios de linguagem:

- Pleonasmos: repetição desnecessária de ideias, onde a informação é reiterada de maneira redundante (*Subir para cima*);
- Cacofonia: sons desagradáveis, quando certas palavras são combinadas (*Vou-me já*);
- Ambiguidade: quando uma frase pode ser interpretada de mais de uma maneira, causando confusão (*Vi a moça no telescópio*);
- Arcaísmo: uso de palavras ou expressões antiquadas, em desuso (*Vossa mercê*);
- Solecismo: erros de sintaxe (*Fazem dois anos*);
- Eco: repetição de sons semelhantes ou idênticos em uma mesma frase (*Ela salta alto de salto alto*);
- Colisão: repetição de palavras ou sons que chocam ou dificultam a fluidez (*Arara rara*);
- Gerundismo: uso excessivo e inadequado do gerúndio (*Vou estar enviando o relatório*).

TIPOLOGIA TEXTUAL

Tipologia textual refere-se à classificação dos textos com base em suas características estruturais e na sua intenção.

Os diferentes tipos de textos têm finalidades distintas e influenciam a forma como o conteúdo é organizado e apresentado.

Narração

O texto narrativo consiste em contar uma história, geralmente envolvendo personagens, um enredo e um contexto temporal.

Características da narração:

- Envolve personagens que participam dos eventos descritos no texto (*João e Maria decidiram explorar a floresta ao lado da casa*);
- Concentra em descrever ações, acontecimentos ou fatos que se

desenrolam ao longo do tempo (*No caminho, encontraram uma cabana misteriosa*);

- Os eventos são organizados em uma sequência cronológica, mostrando a progressão do tempo na história (*Primeiro, a noite caiu; depois, ouviram um barulho estranho*);
- Verbos que indicam movimento e ação são predominantes na narração (*Eles correram em direção à cabana e bateram à porta*);
- O narrador é a voz que conta a história, podendo ser em primeira ou terceira pessoa (*Eu nunca vou esquecer aquele dia...*);
- O enredo é a sequência lógica dos eventos que compõem a história, geralmente com introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho (*Após entrarem na cabana, descobriram que ela estava vazia, exceto por um livro antigo sobre a mesa*).

Narração: *Alice e a chave das maravilhas*

Era uma vez, numa pequena vila, uma menina chamada Alice que adorava desenhar. Todos os dias, depois da escola, ela corria para o parque com seu caderno de esboços. Um dia, enquanto desenhava uma árvore, ela percebeu um brilho estranho entre os galhos. Curiosa, se aproximou e encontrou uma chave dourada, escondida sob as folhas caídas. Mal sabia ela que aquela chave abriria a porta para um mundo cheio de aventuras.

Dissertação

A dissertação tem como objetivo expor ideias de forma clara e organizada, sendo classificada em expositiva e argumentativa.

O texto expositivo informa ou explica um tema, enquanto o argumentativo sustenta uma posição por meio de dados, fatos e raciocínios lógicos para persuadir o leitor.

Ambos os tipos seguem uma estrutura padrão composta por introdução, desenvolvimento e conclusão, utilizando uma linguagem clara, objetiva e impessoal.

As ideias são apresentadas de forma coerente e coesa, com conectivos que garantem a fluidez da leitura.

Dissertação argumentativa: *A importância da educação para a formação cidadã*

Educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Através dela, os indivíduos não apenas adquirem conhecimentos técnicos e científicos, mas também desenvolvem a capacidade de refletir criticamente sobre seu papel no mundo. Em uma era marcada pela informação e pela globalização, a educação proporciona as ferramentas necessárias para a inserção no mercado de trabalho e para a participação ativa na vida pública. Além disso, contribui para a construção de valores éticos e para o exercício da cidadania. Portanto, investir em educação é, acima de tudo, investir no futuro de uma nação.

Dissertação expositiva: *Como funcionam as eleições no Brasil*

As eleições no Brasil são realizadas a cada dois anos, alternando entre eleições gerais e municipais. No sistema eleitoral brasileiro, o voto é obrigatório para todos os cidadãos alfabetizados maiores de 18 anos e menores de 70 anos. As eleições para presidente, governadores, senadores, deputados federais e estaduais ocorrem a cada quatro anos, no primeiro domingo de outubro. Nas eleições municipais, os cidadãos elegem prefeitos, vice-prefeitos e vereadores. O sistema eleitoral brasileiro é baseado na votação direta, e em alguns cargos, como o de presidente e governadores, pode ocorrer um segundo turno caso nenhum candidato atinja a maioria absoluta dos votos no primeiro turno.

Descrição

A descrição tem como objetivo apresentar as características de pessoas, objetos, lugares ou situações de forma detalhada.

O autor busca criar uma imagem mental clara para o leitor, destacando aspectos como forma, cor, tamanho, textura, som, cheiro, entre outros.

Para tornar a descrição mais vívida e precisa, há um uso frequente de adjetivos e locuções adjetivas que qualificam o substantivo, atribuindo características específicas.

Diferente da narração, que se concentra em ações e eventos, a

descrição é estática, com enfoque naquilo que ocorre em um determinado momento.

A descrição frequentemente envolve apelos aos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) para que o leitor possa vivenciar o que está sendo descrito.

Texto descritivo: *Muito além do jardim*

O jardim era um refúgio de tranquilidade. As flores, em tons de vermelho, amarelo e roxo, espalhavam seu perfume suave pelo ar. O gramado, verde e bem cuidado, estendia-se como um tapete macio sob os pés. Ao fundo, uma fonte de pedra murmurava calmamente, seu som misturando-se ao canto dos pássaros que se aninhavam nas árvores altas e frondosas.

INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender e interpretar textos são habilidades fundamentais para qualquer prova de concurso público.

Estas competências permitem que o candidato entenda o significado das palavras, frases e ideias apresentadas em um texto.

Além de compreender é preciso interpretar as intenções do autor e o contexto em que o texto foi produzido.

A compreensão requer a leitura mais objetiva, que se concentra nos elementos que estão claramente expressos no texto.

Para aprimorar a compreensão do texto:

- Identificar a ideia principal: reconhecer o tema central do texto;
- Entender a estrutura do texto: perceber como as partes do texto se conectam;
- Reconhecer informações explícitas: localizar dados, fatos e argumentos claramente apresentados.

Por exemplo, se um texto discute os benefícios da leitura, compreender significa entender que o texto está defendendo a prática da leitura como uma atividade benéfica para o desenvolvimento intelectual.

No entanto, a interpretação de texto vai além da compreensão.

Ela envolve a análise e a reflexão sobre o que está implícito no texto, ou seja, o que não é dito diretamente, mas pode ser inferido.

A interpretação exige que o leitor faça conexões, leia nas entrelinhas e compreenda as intenções do autor.

Para desenvolver a interpretação do texto:

- Inferir significados implícitos: deduzir ideias que não estão claramente expressas, mas são sugeridas pelo autor;
- Entender o contexto: interpretar a situação em que o texto foi escrito e como isso influencia seu conteúdo;
- Analisar o tom e a intenção do autor: identificar as emoções, opiniões e intenções presentes no texto.

Então, se o texto afirma que “a leitura é uma janela para o mundo”, a interpretação correta envolve entender que o autor sugere que a leitura amplia o conhecimento e as perspectivas do leitor, mesmo que isso não esteja explicitamente dito.

Dicas para a prova:

- Ler com atenção: dedicar um tempo para uma leitura cuidadosa, evitando pular informações importantes;
- Elaborar perguntas sobre o texto: questionar sobre o que o autor quer comunicar e como ele faz isso;
- Fazer uma leitura crítica: ler o texto, analisando tanto a mensagem explícita quanto as inferências possíveis;
- Responder as questões com base no texto: evitar respostas com base em opiniões pessoais ou conhecimentos prévios, focando nas informações fornecidas pelo autor.

Portanto, dominar a compreensão e a interpretação de textos é essencial para o sucesso em concursos públicos.

A prática regular e a leitura atenta são as melhores estratégias para desenvolver essas competências.

O que é leitura?

A leitura atenta, a compreensão e a interpretação precisa dos enunciados são habilidades essenciais para responder de forma adequada às questões.

A identificação das ideias principais, a percepção das nuances e a correta interpretação dos contextos são igualmente fundamentais.

Portanto, ler vai além de decifrar palavras.

“É preciso ler, não com os olhos, mas com a memória e a imaginação”, aconselha Machado de Assis (2021).

Portanto, a leitura exige uma capacidade de interpretação crítica.

A palavra “ler” possui vários sentidos, que variam desde estudar profundamente até entreter-se com um texto.

O dicionário Michaelis (2023) traz algumas definições:

- Estudar, analisar profundamente (*Preciso ler os livros para o exame*);
- Compreender e assimilar o significado de algo (*Ele lia o capitalismo do seu modo*).

“Lemos para compreender ou para começar a compreender”, lembra o escritor argentino Alberto Manguel (2021).

Portanto, a leitura é uma atividade complexa, que requer do leitor habilidades para ir além do óbvio.

A compreensão de um texto implica entender o que está explícito, ou seja, o que é dito de forma direta.

No entanto, para ler bem, é necessário também captar o que está nas entrelinhas, o não dito, o implícito.

A interpretação envolve a análise de elementos como o contexto, as intenções do autor e a ideologia presente no texto.

Alice Ruiz (2020) ressalta que a leitura oferece um outro “ver”, “o ‘ver’ da verdade”.

Esse “ver” vai além da superfície das palavras, permitindo ao leitor descobrir significados ocultos e refletir sobre a realidade que o texto apresenta.

O leitor crítico é aquele que se envolve ativamente com o texto.

Ele não apenas absorve a informação, mas questiona quem fala, para quem fala e em que contexto essa fala ocorre.

Essa atitude crítica é fundamental para interpretar os significados explícitos e implícitos de um texto.

Nenhum texto é neutro. Todos possuem intenções e são carregados de ideologias.

O leitor atento é aquele capaz de identificar esses elementos, compreendendo não só as palavras, mas também as pausas, a pontuação e outros recursos que o autor utiliza para transmitir sua mensagem.

Portanto, ler é mais do que um ato de decodificação de palavras.

É um exercício de compreensão profunda e interpretação crítica, que exige do leitor um olhar atento e uma mente aberta.

Textos verbais e visuais

A palavra “texto” tem origem na ideia de “tecer, entrelaçar e construir sobrepondo” (Michaelis, 2023).

Essa etimologia revela que um texto é um conjunto de elementos organizados de forma a construir um significado.

Esse entrelaçamento pode ocorrer tanto com palavras quanto com imagens, sons ou outros elementos de comunicação.

O texto verbal é aquele construído exclusivamente por meio da linguagem escrita ou falada.

Exemplos incluem notícias, cartas, anedotas, ensaios discursos etc.

Nestes casos, a comunicação ocorre por meio de palavras que, organizadas em frases e parágrafos, transmitem uma mensagem específica.

O texto não verbal, por outro lado, comunica-se sem o uso de palavras.

Ele utiliza elementos visuais, sonoros ou gestuais para transmitir uma mensagem.

Exemplos de textos não verbais:

- Imagens: fotografias, pinturas, cartuns, charges;

- Símbolos: ícones, logotipos, sinais de trânsito;
- Gestos: expressões faciais e linguagem corporal.

Esses elementos são organizados de forma a criar um significado que pode ser interpretado pelo observador.

Há situações em que um texto combina elementos verbais e não verbais, criando o texto misto.

Quadrinhos, infográficos e cartazes publicitários são exemplos de textos mistos.

Em concursos públicos, é comum encontrar questões que exigem a interpretação de textos mistos, como charges e quadrinhos, onde é necessário compreender tanto o que está escrito quanto o que é representado visualmente.

Seja por meio de palavras, imagens ou uma combinação de ambos, o texto é o produto final de todo enunciado.

Texto e discurso: intertexto e interdiscurso

O discurso é uma atividade comunicativa que vai além das palavras escritas ou faladas, envolvendo o contexto em que ocorre.

Segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2011), “nenhum discurso é original”, pois todo discurso reflete e refrata outros discursos, destacando o caráter dialógico da linguagem.

Discurso é a construção de sentido que resulta da interação entre texto e contexto.

O contexto discursivo inclui fatores como quem fala, para quem fala e com que finalidade.

Esses elementos influenciam diretamente o significado do discurso, já que o sentido não está apenas nas palavras, mas também nas circunstâncias em que são proferidas.

Por exemplo, uma mesma frase pode ter significados diferentes dependendo de quem a diz, para quem, e em que situação.

Essa complexidade mostra que o discurso é uma prática comunicativa rica e multidimensional.

O intertexto refere-se à relação entre dois textos, onde um cita, referencia ou se inspira em outro. Essa citação pode ser direta, como uma referência explícita, ou indireta, onde a inspiração é mais sutil.

Um exemplo de intertexto é a paródia, onde um texto recria outro, geralmente para fazer uma crítica ou inverter suas ideias.

A paródia utiliza o texto original para criar um significado, muitas vezes de forma humorística ou crítica.

O conceito de interdiscurso amplia a ideia de intertexto ao nível dos discursos.

Interdiscurso é a relação entre dois discursos, caracterizada por um citar ou responder ao outro.

Como Bakhtin afirma, a linguagem é por natureza dialógica, sempre estabelecendo um diálogo entre diferentes discursos.

Toda relação interdiscursiva é também uma relação intertextual, pois envolve textos que interagem entre si.

Um exemplo de interdiscurso pode ser visto na obra do artista plástico Vik Muniz, que recria obras famosas, como a *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci, utilizando novos materiais e mídias.

Assim, Muniz cita original e transforma o discurso, estabelecendo um novo diálogo com o público.

A intencionalidade discursiva refere-se ao propósito ou objetivo por trás de um discurso.

Ela define o “porquê” de um discurso, ou seja, a intenção do falante ao se comunicar.

Entender os conceitos de texto, intertexto, discurso e interdiscurso ajuda a interpretar de mensagens complexas.

Gêneros textuais

Gêneros textuais ou discursivos são formas de organização dos textos que variam conforme a esfera de circulação em que se manifestam.

Eles podem ser organizados em cinco principais grupos, de acordo com sua função e objetivo comunicativo:

1. Narrar: abrange textos que contam uma história, geralmente fictícia, com uma estrutura coerente que inclui personagens, enredo e ambiente (romance, conto, novela, piada);
2. Relatar: textos que têm como objetivo documentar e registrar fatos ou experiências vividas, sendo informativos e baseados na realidade (diário, biografia, notícia, reportagem);
3. Argumentar: textos que se concentram em discutir fatos sociais, apresentando opiniões e argumentos para persuadir ou convencer o leitor sobre determinado ponto de vista (ensaio, resenha, discurso político, debate, artigo de opinião);
4. Expor: gêneros cuja função principal é transmitir e construir conhecimento, apresentando informações de maneira clara e objetiva (palestra, relatório, artigo científico, livro didático, apostila);
5. Instruir: textos que fornecem instruções ou prescrições, orientando o comportamento ou as ações do leitor para a execução de tarefas específicas (receita, regulamento, tutorial).

Os gêneros textuais permitem que diferentes tipos de mensagem sejam transmitidos de maneira eficiente e apropriada ao contexto.

Observação, análise e identificação

A observação, a análise e a identificação são etapas no processo de compreensão de textos.

Essas habilidades, embora distintas, estão interligadas e se complementam para construir uma interpretação precisa e crítica.

A observação é o ponto de partida, onde se captam e notam os elementos presentes de forma atenta e detalhada.

É por meio da observação que se coletam as informações iniciais, percebendo características explícitas e sutis em um texto ou situação.

A análise vem em seguida, desdobrando o que foi observado.

É o processo de decompor as informações em partes menores para entender como elas se relacionam e contribuem para o significado geral.

A análise permite explorar as conexões internas e a estrutura subjacente do que foi observado.

A identificação é o ato de reconhecer e destacar as características essenciais e relevantes após a observação e a análise.

Identificar implica distinguir os elementos mais significativos para a compreensão ou para responder a um questionamento específico.

Essas três etapas não apenas se sucedem, mas se retroalimentam:

1. Uma observação cuidadosa melhora a análise;
2. Uma análise bem-feita facilita a identificação;
3. A identificação clara reforça a compreensão e a precisão do que foi observado e analisado.

Juntas, essas habilidades formam a base para uma leitura crítica e interpretação de textos.

A comparação

A comparação é uma das questões frequentemente solicitadas em concursos públicos na interpretação de textos.

De acordo com o dicionário Michaelis (2023), comparar é “examinar alguma coisa, com outra, buscando estabelecer semelhanças, diferenças, conexões ou relações entre elas”.

Por exemplo, se um texto apresenta duas teorias sobre educação, a comparação envolve identificar pontos em comum e divergências entre essas teorias, como os métodos propostos ou os resultados esperados.

Confrontar e relacionar são formas específicas de comparar.

A primeira envolve colocar duas coisas em oposição direta para destacar diferenças e semelhanças.

Por outro lado, relacionar consiste em identificar como dois elementos estão conectados ou como um afeta o outro.

Exemplos de comparação em um texto:

- Confrontar: *A teoria X defende a aprendizagem através da prática, enquanto a teoria Y enfatiza o aprendizado teórico. Ambas têm como objetivo a formação completa do aluno, mas diferem nos métodos.*

- *Relacionar: As ideias da teoria X se relacionam com as da teoria Y na medida em que ambas buscam melhorar o desempenho acadêmico, embora proponham caminhos diferentes para alcançar esse objetivo.*

A memorização

A memorização é uma habilidade crucial na interpretação de textos.

Permite reter detalhes importantes que são essenciais para uma compreensão profunda.

Memorizar trechos, conceitos e estruturas de textos ajuda a internalizar o conteúdo, facilitando o acesso rápido a informações durante a leitura e a interpretação.

Isso é especialmente útil quando é necessário fazer conexões entre diferentes partes do texto ou lembrar de detalhes específicos que sustentam uma argumentação.

Durante a interpretação, a memorização permite lembrar-se de passagens específicas que podem ser relevantes para responder a uma pergunta.

Praticar a memorização com essas técnicas pode melhorar significativamente a capacidade de interpretar e analisar textos.

Não somente em língua portuguesa, mas para qualquer disciplina em concursos públicos, a memorização é imprescindível.

A formação da memória passa por quatro etapas fundamentais:

1. Aprender: incorporar algo novo;
2. Consolidar: associar o que se aprendeu com outros conhecimentos;
3. Arquivar: guardar na memória;
4. Recrutar: utilizar, no momento necessário, aquilo que se aprendeu, consolidou e arquivou.

A memorização para concursos exige a passagem por essas etapas.

Técnicas de memorização na interpretação de textos:

- Repetir a leitura de partes importantes do texto ajuda a fixar a informação na memória (aprender);
- Fazer anotações enquanto lê, destacando os pontos-chave, facilita

a retenção e a revisão posterior (consolidar);

- Criar diagramas que conectem as ideias principais do texto pode ajudar a visualizar e memorizar o conteúdo (arquivar);
- Escrever resumos de textos e fazer exercícios (simulados) são forma para reforçar a memorização (recrutar).

Praticar a memorização com essas técnicas pode melhorar significativamente a capacidade de interpretar e analisar textos.

Inferência, dedução e conclusão

A inferência, dedução e conclusão são processos que ajudam a construir o sentido a partir do que está implícito ou sugerido no texto.

Embora esses termos sejam frequentemente usados como sinônimos, eles possuem nuances específicas que merecem atenção.

Inferência é o processo pelo qual, a partir de pistas ou informações presentes no texto, o leitor chega a uma nova compreensão ou ideia.

Em outras palavras, vai além do que está explicitamente declarado, permitindo ao leitor captar significados implícitos.

Imagine um texto que diz: “Maria levou um guarda-chuva ao sair de casa, embora o céu estivesse limpo”. A inferência aqui é que Maria acredita que poderá chover mais tarde, mesmo que isso não esteja declarado diretamente no texto.

Dedução é uma forma de raciocínio que parte de informações gerais ou princípios para chegar a uma conclusão específica.

Na leitura, deduzir significa aplicar uma regra a um caso particular para entender algo mais específico.

Se sabemos que “Maria sempre verifica a previsão do tempo antes de sair de casa”, e que ela “levou um guarda-chuva”, podemos deduzir que a previsão do tempo indicava a possibilidade de chuva, o que justifica sua escolha.

Por conseguinte, conclusão é o ponto final do processo de raciocínio, onde se chega a uma resolução com base nas informações disponíveis.

Concluir envolve sintetizar as inferências e deduções feitas ao longo da

leitura para chegar a uma compreensão definitiva do texto.

Então, com base na inferência de que Maria esperava chuva e na dedução de que ela consultou a previsão do tempo, podemos concluir que Maria estava preparada para um possível mau tempo, apesar do céu limpo pela manhã.

Essas operações de leitura estão interligadas e, muitas vezes, são usadas de forma complementar.

Assim, a inferência permite captar o implícito, a dedução aplica regras gerais a casos específicos e a conclusão sintetiza tudo para chegar a uma compreensão final.

Hipóteses

O levantamento de hipóteses é uma habilidade essencial na interpretação de textos, sendo uma das operações mais frequentemente cobradas em exames.

Antes de chegar a uma conclusão ou realizar uma interpretação profunda, é necessário levantar hipóteses para entender o que não está explicitamente declarado no texto.

Levantar hipóteses significa formular suposições baseadas nas informações disponíveis no texto.

Essas suposições ajudam a prever possíveis significados, intenções do autor ou desdobramentos do conteúdo.

Esse processo envolve leitura atenta e análise dos elementos textuais e contextuais.

O que considerar no levantamento de hipóteses:

- Quais são as palavras ou expressões que sugerem algo além do que está sendo dito?
- Como o que você já sabe pode influenciar a interpretação do texto?
- O que o autor pode estar tentando sugerir ou insinuar, mesmo que não de forma direta?

Suponha que um texto diz: “Paulo chegou à reunião com um semblante fechado e não disse uma palavra durante todo o tempo”.

Com base nisso, pode-se levantar a hipótese de que Paulo estava insatisfeito ou preocupado com algo relacionado à reunião, mesmo que o texto não diga isso diretamente.

Após levantar hipóteses, deve-se testar essas suposições à medida que se avança na leitura.

Às vezes, as hipóteses são confirmadas; em outros casos, novas informações podem exigir que elas sejam ajustadas ou descartadas.

Se o texto posteriormente revela que Paulo havia recebido más notícias antes da reunião, a hipótese inicial de que ele estava preocupado se confirma.

Isso enriquece a interpretação do comportamento de Paulo e do ambiente da reunião.

A contextualização

A contextualização permite compreender o significado das palavras, frases e ideias em relação ao ambiente em que foram produzidas.

Contextualizar significa situar o texto dentro de um determinado ambiente ou cenário, levando em consideração as condições externas que influenciam sua criação e recepção.

Sem a devida contextualização, a interpretação de um texto pode ser superficial ou até mesmo equivocada.

Ao interpretar um discurso político, por exemplo, é essencial considerar o contexto em que foi proferido, como o período histórico, as questões sociais e a intenção do orador.

Um discurso sobre liberdade pode ter significados diferentes se proferido em um regime autoritário ou em uma democracia consolidada.

A contextualização ajuda a desvendar camadas de significado que não são imediatamente evidentes.

Para contextualizar um texto, deve-se considerar vários elementos:

- Autor: quem escreveu o texto? Qual é sua história e sua posição sobre o tema?
- Época: quando o texto foi escrito? Quais eram as condições

políticas, sociais e culturais daquele período?

- Público: para quem o texto foi destinado? Como esse público pode ter influenciado o conteúdo e a forma do texto?
- Propósito: qual era o objetivo do autor ao escrever o texto? O que ele esperava alcançar?
- Circunstâncias: quais eventos ou situações específicas podem ter influenciado a criação do texto?

Ao ler *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a compreensão do contexto social e histórico do Brasil no final do século XIX é fundamental para entender as críticas sociais e os dilemas morais apresentados na obra.

Ou ainda, ao interpretar uma notícia sobre economia, é importante considerar o contexto econômico global e local, bem como os eventos recentes que podem ter influenciado o tema abordado.

Portanto, sem uma contextualização adequada, a interpretação pode ser limitada ou até equivocada.

Gêneros textuais

Os gêneros textuais são formas de organização dos textos que atendem a diferentes finalidades comunicativas e circulam em variados contextos sociais.

Cada tipo de texto possui características específicas que orientam a maneira como a mensagem é transmitida e compreendida.

Jornalísticos

Os textos jornalísticos, como notícias, reportagens e editoriais, têm como principal objetivo informar.

Eles são caracterizados pela objetividade, clareza e foco em fatos.

Ao interpretar um texto jornalístico, deve-se prestar atenção à veracidade dos fatos apresentados, à imparcialidade ou à opinião do autor e ao contexto em que o texto foi produzido.

Literários

Os textos literários, como contos, romances e crônicas, exploram a criatividade e a expressão artística.

Eles frequentemente utilizam linguagem figurada, metáforas e simbolismos.

Na interpretação de textos literários, é importante considerar o estilo do autor, o contexto histórico e cultural e as múltiplas camadas de significado que podem estar presentes.

Por exemplo, na leitura de um conto de Machado de Assis, como *O alienista*, deve-se considerar o contexto histórico do Brasil no século XIX, o uso da ironia e as críticas sociais que o autor faz de forma indireta através dos personagens e enredos.

Poéticos

Os textos poéticos são caracterizados pelo uso de ritmo, rima e linguagem figurada.

A interpretação de textos poéticos requer sensibilidade para captar as emoções, as imagens e os sentidos implícitos nas palavras.

Deve-se atentar à musicalidade do texto e às possíveis interpretações das metáforas e símbolos.

Ao interpretar um poema de Carlos Drummond de Andrade, como *No meio do caminho*, é preciso explorar as possíveis interpretações da metáfora da “pedra no meio do caminho”, que pode simbolizar obstáculos na vida e considerar o impacto emocional do texto.

Publicitários

Os textos publicitários, como anúncios e campanhas, têm como objetivo principal persuadir o leitor ou o consumidor.

Eles utilizam recursos visuais e verbais para captar a atenção e convencer o público.

Ao interpretar textos publicitários, é crucial identificar as estratégias de persuasão, o público-alvo e as mensagens subliminares que podem estar presentes.

Em um anúncio de um novo carro elétrico, deve-se identificar as estratégias de persuasão, como o uso de *slogans* cativantes (*O futuro da mobilidade é agora!*) e imagens que associam o carro a sustentabilidade, inovação e modernidade.

Além disso, o texto pode destacar benefícios ambientais e econômicos, como a redução da emissão de poluentes e a economia de combustível, para convencer o consumidor de que o carro elétrico é a escolha ideal para o futuro.

Científicos

Os textos científicos, como artigos, relatórios e dissertações, são caracterizados pela precisão, rigor e objetividade.

Eles têm como finalidade divulgar conhecimentos técnicos e científicos.

A interpretação de textos científicos exige atenção às definições, metodologias, resultados e conclusões, bem como à linguagem especializada utilizada.

Ao ler um artigo científico sobre mudanças climáticas, carece interpretar os dados estatísticos, compreender a metodologia empregada e avaliar a validade das conclusões baseadas nos resultados apresentados.

Institucionais

Os textos institucionais, como comunicados, regulamentos e ofícios, são utilizados para formalizar ações e comunicações dentro de organizações.

Eles seguem uma estrutura formal e objetiva.

Na interpretação de textos institucionais, é importante compreender as normas e procedimentos estabelecidos, bem como a clareza das instruções fornecidas.

Glossário

Advérbio – Palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, indicando circunstâncias como tempo, lugar, modo e intensidade.

Classe de palavras – Categorias gramaticais como substantivo, verbo,

adjetivo, entre outras.

Compreensão de textos – Capacidade de entender o conteúdo e o sentido de um texto.

Concordância nominal – Relação de uniformidade entre substantivo e seus determinantes.

Concordância verbal – Relação de uniformidade entre o sujeito e o verbo.

Conjunção – Palavra que conecta orações ou termos dentro da mesma oração, estabelecendo relação entre eles.

Contextualização – Inserção de informações em um contexto para facilitar sua compreensão.

Coesão textual – Ligação lógica entre as partes de um texto, garantindo sua fluidez.

Coordenação – Ligação de termos ou orações independentes, mantendo sentido completo.

Dedução – Processo de raciocínio que parte de uma premissa geral para chegar a uma conclusão específica.

Ditongo – Encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba.

Elementos de coesão – Recursos linguísticos que conectam ideias no texto, como pronomes e conectores.

Fonema – Unidade sonora mínima da fala que distingue significados nas palavras.

Gênero institucional – Textos com foco na comunicação organizacional, como memorandos e relatórios.

Gênero jornalístico – Textos com objetivo informativo ou opinativo, como notícias e editoriais.

Gênero literário – Textos com valor estético e expressivo, como contos e romances.

Gênero poético – Textos com linguagem figurada e estrutura em versos, como poemas.

Gênero publicitário – Textos voltados para a persuasão, como anúncios e campanhas.

Gênero científico – Textos que apresentam conhecimentos ou pesquisas, como artigos acadêmicos.

Gramática – Conjunto de regras que regem o uso da língua.

Hiato – Sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes.

Hífen – Sinal gráfico usado na separação de palavras compostas ou na divisão silábica.

Hipóteses – Suposições baseadas em evidências ou indícios encontrados no texto.

Ortografia – Conjunto de regras que normatizam a escrita correta das palavras.

Inferência – Conclusão extraída de informações implícitas no texto.

Interdiscurso – Relação de diálogo entre discursos distintos.

Interpretação de textos – Capacidade de analisar e atribuir significado ao conteúdo de um texto.

Intertexto – Referência explícita ou implícita a outro texto.

Morfossintática – Análise combinada dos aspectos morfológicos e sintáticos da língua.

Ortografia – Conjunto de regras para a escrita correta das palavras.

Pontuação – Uso de sinais gráficos para organizar e interpretar o texto.

Pronomes – Palavras que substituem ou acompanham os substantivos, indicando posse, pessoa, quantidade ou demonstrando.

Pronome átono – Pronome que não possui acentuação própria, como “me”, “te” e “se”.

Reescrita – Reformulação de frases ou parágrafos para melhorar clareza e adequação.

Regência nominal – Relação de dependência entre um nome e seus complementos.

Regência verbal – Relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Semântica – Área que estuda o significado das palavras, frases e textos.

Sintaxe – Estudo da organização das palavras dentro da frase e suas funções.

Subordinação – Ligação entre termos ou orações em que um depende do outro para fazer sentido.

Tempo verbal – Indica o momento da ação expressa pelo verbo, como passado, presente ou futuro.

Texto verbal – Texto composto por palavras escritas ou faladas.

Texto visual – Texto composto por imagens, gráficos ou símbolos.

Tipo textual – Estrutura básica de um texto, como narrativo, descritivo ou dissertativo.

Simulado comentado on-line

Link para responder ao simulado comentado de língua portuguesa on-line: [clique aqui](#) ou na imagem.

Simulado: língua portuguesa

Questão 1 de 48
 1

(Cespe/Cebraspe - Petrobras) "Muito tem sido escrito e debatido sobre a afirmativa de que a 'Internet é terra de ninguém'. Tal afirmativa não é de hoje, mas ainda alimenta uma sensação de impunidade ou de falsa responsabilidade do que é postado ou compartilhado na Internet e pelas redes sociais. A expressão fakes news, em particular, representa um estraneirismo que mascara diversos crimes cometidos contra a honra, como injúria, calúnia e difamação. Sob um olhar semântico, dizer 'compartilhei fake news de alguém' não carrega qualquer sentimento de culpa, ou se carrega, ela é mínima. Agora, dizer 'cometi um crime contra honra' já traz outras implicações, não só de ordem jurídica, mas também de grande responsabilidade pessoal" (Marcelo Hugo da Rocha e Fernando Elias José)

No que se refere às ideias, aos sentidos e às construções linguísticas do texto precedente, assim como a sua tipologia, julgue o item a seguir.

No início do texto, a forma verbal "escrito" poderia ser corretamente substituída por "escrevido".

Selecione uma das seguintes:

▼ Errado

Explicação

Errado. O verbo escrever é irregular e a forma verbal "escrevido" não existe. Considerando a língua culta, não se usa "escrito" como participípio do verbo "escrever".

Verificar resposta

Próximo

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Siderly do Carmo; SOARES, Tania A. *Os impactos da lei geral de proteção de dados: LGPD no cenário digital*. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 27, n. 3, p. 26-45, set. 2022.
- ALVES, Viviane; MOURA, Glória. *Fundamentos da redação oficial*. Brasília: Vesticon, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BOMFIM, Wanderson; SILVA, Mariane; CAMARGOS, Mirela. *Estatuto do idoso: análise dos fatores associados ao seu conhecimento pela população idosa brasileira*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 11, p. 4277-4288, nov. 2022.
- BONFIM, Marcos Vinicius. *Impactos da lei de acesso à informação na comunicação das organizações públicas*. Congresso Abrapcorp, 18. Curitiba, 2024.
- BRASIL, Presidência da República. *Manual de redação da Presidência da República*. 3. ed. Brasília: Presidência da República, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 12.002, de 22 de abril de 2024. *Estabelece normas para elaboração, redação, alteração e consolidação de atos normativos*. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <shre.ink/bLx0>. Acesso em: 27 jan 2025.
- BRESSAN, Carla; GARCIA, Mayara; MATOS, Mikaela. *Estatuto da criança e do adolescente: direitos formalmente reconhecidos e o sistema de garantias de direitos*. Emancipação, v. 20, 2020.
- BULOS, Uadi Lammêgo. *Curso de direito constitucional*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2023.
- CARVALHO FILHO, José dos Santos. *Manual de direito administrativo*. 38. ed. São Paulo: Atlas, 2024.
- COUTO, Cláudio; ABSHER-BELLON, Gabriel. *Imitação ou coerção? Constituições estaduais e centralização federativa no Brasil*. Revista da Administração pública, v. 2, n. 52, p. 321-344, 2018.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

DI PIETRO, Maria Sylvia Z. *Direito administrativo*. 38. ed. São Paulo: Forense, 2025.

EULER, Leonhard. *Elementos da álgebra: parte I, seção I*. São Paulo: Kindle, 2022.

FARIA, Cassio J. *CPI: Comissões parlamentares de inquérito*. 2. ed. Lisboa: Paloma, 2002.

FERREIRA, Eric Duarte. *Redação oficial*. 2. ed. Florianópolis: UFSC-UAB, 2020.

FIGUEIREDO, Adriana. *Gramática comentada com interpretação de textos*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2024.

FIGUEIREDO, Adriana. *Gramática comentada com interpretação de textos*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2024.

FIORIN, José; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2017.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país*. 22. ed. São Paulo: PubliFolha, 2022.

GYURICZA, Gyorgy L. *Lógica da argumentação: teoria e exercícios*. São Paulo: Yales, 2018.

HÄBERLE, Peter. *Hermenêutica constitucional: a sociedade aberta dos intérpretes da constituição*. Porto Alegre: Safe, 2003

HEINEN, Juliano. *Comentários à lei de acesso à informação*. 3. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2023.

IBRAHIN, Francini I. *Lei Maria da Penha comentada*. Leme, SP: Mizuno, 2024.

KASPARY, Adalberto J. *Redação oficial, normas e modelos*. 20. ed. Porto Alegre: APCIQ, 2017.

KELSEN, Hans. *Teoria pura do direito*. Rio de Janeiro: Forense, 2021.

KUROSE, James; ROSS, Keith W. *Rede de computadores e a internet*. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2021.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier Campus, 2015.

LEDUR, Paulo F. *Manual de redação oficial*. Porto Alegre: Age, 2014.

LENZA, Pedro. *Direito constitucional*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2025.

LIBERTATO, Francisney. *A nova lei dos concursos públicos*. Midia News, 14 set. 2024.

LIMA, Antonio Oliveira. *Manual de redação oficial: teoria, modelos e exercícios*. 3. ed. Elsevier, Campos, 2009.

LISBOA, Teresa; ZUCCO, Luciana. *Os 15 anos da lei Maria da Penha*. Revista Estudos Feministas, v. 30, n. 2, 2022.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim. *Bons dias*. São Paulo: Principis, 2021.

MANGEL, Alberto. *Uma história de leitura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MARCHIONI, Rubens. *Escrita criativa: da ideia ao texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTINS FILHO, Plínio. *Manual de editoração e estilo*. 2. ed. USP, Unicamp, UFMG, 2023.

MEIRELLES, Hely L. *Direito administrativo brasileiro*. 45. ed. Salvador: Juspodivm, 2025.

MELLO, Celso Antônio B. *Curso de direito administrativo*. 37. ed. São Paulo: Fórum, 2024.

MENDES, Lorena; CURSINO, Adélia. *A importância da reforma tributária para o crescimento econômico do país*. São Paulo: Repositório Universitário da Ânima, 2024.

MICHAELIS. *Dicionário da língua portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2023.

MIRANDA, Luis; MATTAR, Mirtes. *Informática básica*. Recife: IFPE, 2024.

MORTARI, Cezar A. *Introdução à lógica*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2017.

MUNIZ, Antonio et al. *Jornada segurança da informação*. Rio de Janeiro: Brasport, 2024.

NEGREIROS, Dalila F. *Políticas raciais: a igualdade possível*. In: NEGREIROS, Dalila F. Educação das relações étnico-raciais. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, p. 17-55.

NEVES, Guilherme. *Raciocínio lógico essencial para concursos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

NUCCI, Guilherme. *Estatuto da criança e do adolescente: comentado*. 6. ed. São Paulo: Forense, 2025.

OLIVEIRA, Hugo Paulo Gandolfi (org.). *Redação jornalística multimeios: técnicas para jornalismo impresso, jornalismo online, radiojornalismo, telejornalismo e fotojornalismo*. Chapecó, SC: Argos, 2012.

OLIVEIRA, Rafael Carvalho R. *Curso de direito administrativo*. 11. ed. São Paulo: Método, 2024.

OLIVEIRA, Sidney de Paula. *O estatuto da igualdade racial: consciência e debate*. São Paulo: Selo Negro, 2023.

PINHEIRO, Patricia P. *Proteção de dados pessoais*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2023.

PIRES, Maurício V. *Windows 10 do básico ao essencial*. Joinville, SC: Clube dos

Autores, 2022.

RECH, Gisele K. *Redação jornalística: apontamentos para a produção de conteúdo*. Curitiba: InsterSaberes, 2018.

RODRIGUES, Oswaldo. *Direitos da pessoa idosa*. 2. ed. Cotia, SP: Foco, 2022.

RODRIGUES, Pollyanna; PEREIRA, Éverton. *A percepção das pessoas com deficiência sobre o trabalho e a lei de cotas*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 31, n. 1, nov. 2021.

RODRIGUES, Angela P. *Há uma definição absoluta de qualificadores?* Kínesis, v. 3, n. 5, 2011, p. 376-392.

RUIZ, Alice. *Dois em um*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

SANTOS, Idani. *Introdução à análise combinatória*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2020.

SCHMITT, Carl. *O guardião da constituição*. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

SILVA, José Afonso. *Curso de direito constitucional positivo*. 45. ed. Salvador: Juspodivm, 2024.

SOARES, Francimar. *Desvendando as provas discursiva: teoria e prática*. 2. ed. Salvador: Juspodivm, 2023.

SOUZA, Celina. *Federalismo, desenho constitucional e instituições federativas no Brasil pós-1988*. Revista de Sociologia e Política, n. 24, p. 105-121, 2005.

SPECK, Bruno Wilhelm; SILVA, Alisson C. *A análise das leis orgânicas municipais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 39, jan. 2024.

SPIEGELHALTER, David. *A arte da estatística: como aprender a partir de dados*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. *A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SQUARISI, Dad. *Manual de redação e estilo para mídias convergentes*. Geração, 2011.

TANENBAUM, Andrew *et al.* *Redes de computadores*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2021.

TANENBAUM, Andrew. *Organização estruturada de computadores*. 7. ed. Porto Alegre: Pearson, 2023.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

VIEIRA SOBRINHO, José Dutra. *Matemática financeira*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VILLAR, Bruno. *Raciocínio lógico facilitado*. 4. ed. São Paulo: Método, 2016.

WAGNER, Eduardo. *Matemática I*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

WARSI, Karl (Org.). *O livro da matemática*. Rio de Janeiro: Globo, 2020.

Autor:

- Língua portuguesa, redação, discursiva, matemática, raciocínio lógico e informática

Aldo Schmitz

- Professor conteudista de concursos públicos nas áreas de conhecimentos básicos e comunicação social;
- Graduação em Administração, doutorado e mestrado em Jornalismo (UFSC);
- Especialização em Gestão da Comunicação (Univali) e EaD (Senac Rio);
- Autor de apostilas de conhecimentos específicos em comunicação social e conhecimentos básicos;
- Autor dos livros Fontes de notícias, Mídia training, Jornalista a serviço das fontes, Manual de jornalismo e Manual da comunicação organizacional.

Autora:

- Legislação, direito administrativo e constitucional

Cyntia Brandalize Fendrich

- Mestrado em Direito e Cidadania (Unicuritiba);
- Especialização em Direito Processual Civil (PUC-PR);
- Graduação em Direito (Unicuritiba);
- Atua desde 2006 em assessoria e consultoria jurídica.